

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE MARÇO DE 1901

N.º 52

## *A volta do Calvario*



Desenho de Francisco Villaça  
Feito expressamente para o BRASIL-PORTUGAL



# Política Internacional

14 de março de 1901.

Não ha estado européo, ao qual o século XIX tenha deixado mais pesada herança do que a Austria-Hungria. Pesada e de liquidação absolutamente insolúvel dentro do actual *status quo*. Não ha tambem dynastia mais tristemente assignalada pela fatalidade entre todas as casas reinantes da Europa do que a dos Hapsburgos, cujo destino funesto quasi faz reviver nos nossos dias as assombrosas tragedias, que a tradição antiga nos diz terem implicadamente ferido certas familias predestinadas. Ao pensar n'ella, lembramo-nos involuntariamente da sorte dos Atradas.

Que ha mais profundamente tragico, com effeito, do que a vida de Francisco José, condemnado em meio das amargas preocupações da sua situação politica a vêr cair hum por um todos os seus, victimas das mais horrosas catastrophes que a historia recorda?

Primeiramente seu irmão Maximiliano fúsilado em Queretaro; depois sua cunhada, a imperatriz Carlotta, com a razão perdida por motivo da grande desgraça que lhe roubou aos filhos o esposo amantissimo; depois o drama sangrento de Meyerling, que a um tempo o fulminou com pae, fazendo-lhe perder o filho unico, e como monarcha, deixando pela morte do archiduke Rodolpho o throno sem herdeiro directo; e finalmente, já no seu ultimo occaso, tão cheio de pungentes recordações, o assassinato da imperatriz Isabel a fechar o cyclo fatidico d'este calvario sem precedentes.

Pois todas estas dôres chegam a parecer insignificantes e leves, se as compararmos com as angustias que Francisco José, como imperador, tem passado para dia a dia ir resolvendo as difficuldades politicas, que lhe levantam as rivalidades e os choques de interesses das variadas populações do imperio.

E' um verdadeiro trabalho de Sysypho, que não tem fim nem admittê descanso. Ainda bem não está apaguiada uma contenda, ao menos aparentemente, que logo outra não surja mais violenta e irreductivel. As questões administrativas, propriamente ditas, que nos demais paizes se resolvem pelo simples funcionamento dos regulamentos internos, complicam-se na Austria-Hungria com problemas ethnographicos e exclusivos de raça, que sem demora as transformam em perigosas luctas de nacionalidades. Assim, além das questões por assim dizer geraes, que se impõem a todo o imperio, como o anti-semitismo, a preponderancia politica e commercial na peninsula balcanica etc., ha as questões particulares, que interessam os diversos grupos ethnicos, mas que nem por isso deixam de perturbar a vida politica de toda a nação.

Pertencem a este numero a questão tchêca, a questão polaca, a questão croata, a questão rumenica, a questão alemã; e não incluímos n'este capitulo a magna questão magyar, em grande parte resolvida pelo regimen do dualismo, actualmente vigente, mas que apesar d'isso por vezes em si ainda no estado agudo, como o elemento activo, a proposito do renovamento do pacto da uniao e por causa dos encargos financeiros respectivamente á conta dos dois estados separados pela Leith.

Cada uma d'estas questões é um fermento de discordia, e ao mesmo tempo uma constante ameaça á integridade nacional, por isso que os diferentes grupos ethnicos, unidos mas não assimilados ao estado austriaco, encontram fóra das fronteiras do imperio poderosos centros de attracção em que apóiam as reivindicações, que tendem a valer contra o centralismo de Vienna e Budapest. Os tchêcos e os croatas voltam-se para a Russia, d'onde esperam a emancipação de todas as nações slavas, ainda hoje escravizadas sob o jugo estrangeiro. Os rumenicos, que attingem quasi a cifra respectavel de tres milhões de individuos, sentem-se attrahidos pelos irraesmos de raça e de lingua, que vivem independentes sob o governo do rei Carlos. Os alemães, finalmente, deslumbrados pela prestigio do imperio, e pelo grande successo, a que elle preside, norteam na direcção de suas aspirações e pela intransigencia e altrania com que trata as outras nacionalidades, especialmente da Cisleithiana, estão concorrendo mais do que nenhum outro elemento para a dissolução do imperio.

Esta situação anomala reflecte-se nas relações dos diferentes partidos politicos no *Reichsrath*, e tambem, embora em menor grau, nas camaras hungaras. No *Reichsrath* sobretudo, a desordem e a anarchia por attingirem o limite extremo e na impossibilidade de se chegar a um accordo entre os interesses oppostos e as encontradas paixões, que alli se dividiam, já se fala na probabilidade da suspensão do regimen parlamentar, dispensando a corôa para a solução dos problemas pendentes a collaboração dos eleitos do paiz. Terá, porém, o imperador, hoje no fim de uma carreira politica tão angustiada e trabalhosa, a energia sufficiente para realizar este golpe d'estado? E, dado o caso que a tenha, conseguirá elle por esse processo introduzir a ordem no presente chãos? E' duvidoso.

A incapacidade de assimilação das diversas nacionalidades do imperio pelo poder central está sobrejamente demonstrada pela historia dos ultimos trinta annos. Cada concessão, a que Francisco José se viu obrigado pela força das circumstancias, teve como resultado em vez do apaguiamento das paixões, a exacerbação das exigencias.

Transigção com a Hungria e consentio no dualismo. Tanto bastou para que a Bohemia se levantasse a afirmar tambem o direito, que lhe assiste de gosar autonomia identica. Transige agora com as aspirações tchêcos, e transforma hoje em tripartida a nação dividida em duas pelo compromisso austro-magyar? Levantar-se-ha a Gallicia a reclamar igualmente o seu quinção de independencia. E de concessão em concessão ir-se-ha a Austria-Hungria fraccionando n'um numero cada vez maior de pequenas autonomias, cada vez tambem mais excedidas ao sentimento de uma patria commun. Se até hoje a ultima desagregação, que aliás está na logica dos acontecimentos, se tem podido evitar, deve-se isso ao prestigio pessoal do imperador e á sua incontestavel habilidade politica. No dia seguinte ao da sua morte, porém, ninguém poderá evitar a catastrophe, tanto mais de recear pela extensão dos seus effeitos, quanto por mais tempo fôr adiada por expedientes que no fundo nada resolvem, deixando portanto intactos todos os problemas.

Do momento em que a Austria não pode ou não soube regular a situação das nacionalidades exoticas, que a constituem, por processos identicos aos que empregou a Prussia na Silesia e no grão-ducado de Posen, e a Russia na Polonia, na Ukraina e no Caucaso, o seu futuro, como estado homogeneo e unido, a ninguém offerece dividas. Quanto tempo durará o actual *status quo*? É difficil de prevel-o. No entanto em cada dia que passa a situação de ambas as partes das diferentes raças, que o governo de Vienna procura em vão conciliar; e assim qualquer incidente imprevisito pôde determinar a crise final.

Interrompemos aqui a presente revista retrospectiva da situação das diversas nações europeas, ao findar o seculo XIX, para referir aos nossos leitores as duas crises politicas, que acabam de dar-se na Hespanha e na Italia, e cuja solução tão grande importancia pôde ter para o futuro de ambas as nações.

Começemos pela Italia. O ministerio Saracco, que fôra o ultimo de Humberto I e havia sido chamado ao poder pouco tempo antes do assassinato de Monza, cahio em virtude do debate levantado a proposito da dissolução da camara do commercio de Genova e da greve, que se lhe seguiu. Para o substituir foi chamado o chefe da colligação parlamentar, que tinha derribado o governo, o sr. Zanardelli, chefe da esquerda e uma das personalidades mais em evidencia do mundo politico italiano. Ao contrario do que se dava com o seu antecessor, o qual era apoiado pelos grupos mais moderados da camara, o actual presidente do conselho passará a ter o apoio dos grupos mais avançados, incluindo a propria extrema esquerda, que está representada no ministerio pelo seu chefe, o sr. Sacchi, ministro da fazenda.

Os outros ministros mais em evidencia, além de Zanardelli, são o sr. Giolitti, uma especie de chefe do partido opportunistas, ministro do reino; e o sr. Prinetti, chefe da extrema esquerda, ministro dos negocios estrangeiros. Diz-se, apesar de a este respeito não haver ainda programma definido, que a politica do novo ministerio attendêr principalmente á reforma da administração financeira, á diminuição das despezas publicas, e á restricção dos gastos militares. Não se comprehende, no entanto, bem, como se conciliará este ultimo capitulo do programma ministerial com a escolha do chefe da extrema direita para a pasta dos negocios estrangeiros, de que dependem as questões que mais directamente contribuem para avolumar o orçamento da guerra.

Nunca a Italia poderá alliviar os encargos militares que a esmagam, enquanto estiver jungida á politica da triplice alliança, para ella tão ruinosa. O actual tratado está a expirar e carece portanto de nova confirmação. Se fosse ministro dos negocios estrangeiros um membro da extrema esquerda, partido que sempre cometeo a politica alemã do *butirni*, ainda podia haver a esperanza de que a peninsula, sob a administração que acaba de subir ao poder, entrasse n'um caminho mais de accordo com os seus interesses. Mas com o sr. Prinetti a dirigir a politica exterior, podem os liberais italianos estar certos de que continuarão para o paiz as mesmas difficuldades financeiras e politicas, que quasi teem comprometido a grande obra da unificação.

Para esquecer que ás difficuldades financeiras e de politica internacional, se juntam como factor constante de perturbação as difficuldades propriamente internas, originadas pela situação do papado e pela sua attitude intransigente em face da Italia unificada. O Vaticano é um elemento dissolvente em meio da nação, que aspira a reconstituir-se. Uma vez pela opposição franca e declarada, outras pela intriga encoberta e habilidosa, constitue a siziaia mais perigosa para a consolidação da unidade nacional. E o peor é que a dynastia de Saboia não tem meio de encontrar uma solução a este estado de cousas, quer por meios conciliadores, quer por meios violentos. Para os meios conciliadores perdeu-se a oportunidade, e deixou-se agravar o dissidio por trinta annos de mutuas represalias. Para os meios violentos ha o fundado receio de que elles possam produzir resultados contrarios.

CONSIGLIERI PIETROSO.

# O MATADOURO DE LISBOA

N o seu genero, é um estabelecimento modelo que rivalisa com os congeneres do estrangeiro, e a perfeição que os diversos serviços alli atingiram, deve-se, sem duvida, ao fallecido inspector Sabino de Sousa que, sobre ser um veterinario distincto, era um homem muito culto e uma intelligencia brilhante.

Situado até aqui n'um extremo da cidade, pela abertura de novas ruas umas projectadas e outras já feitas, ficará quasi no centro da cidade, o que facilitará um pouco o alargamento do edificio, um tanto acanhado já para o movimento de hoje.

Esse edificio, construído por diferentes corpos, tem no conjunto a fórma rectangular, occupando uma superficie de 13.200 metros quadrados. A fachada principal, olhando para o sul, compõe-se de dois corpos eguaes divididos por um corredor de entrada que vae até á casa da matança. Nesta, a parte inferior é occupada pelas repartições, a superior serve de habitação ao almoxarife e ao fiel. Nos outros corpos estão a casa da matança, os estabulos, as officinas de fusão de sebo e de preparação de sangue, tripas e miudezas, casa de pesagem, palheiro, depositos de carne, talhos, vestiaria das operações e officinas de carpinteria e serralheria, de algumas das quaes dá ideia a objectiva do nosso collaborador photographico.

E para que essa objectiva possa ser bem comprehendida e apreciada, deve fazer-se a historia do gado desde que entra no matadouro até que sahe.

Sigamos as vitellas e os carneiros. Em geral entram diariamente em numero de quarenta as primeiras e cem os ultimos, pela manhã, depois de transitarem pelo mercado do Campo Grande onde lhe fazem a primeira inspecção.

Pelo regulamento, todo o gado deve ficar 24 horas no matadouro antes de ser abatido, mas como ás vezes ha falta de carne, é morto no proprio dia, ficando no entanto nos pateos até ao momento de ser conduzido á balança, para o peso em vivo, peso que serve para a liquidação do imposto de consumo cobrado pela alfandega e da quota de proporção que o matadouro percebe pelo seu serviço. O gado lanigero não é pesado em vivo, por que é livre de imposto e a quota paga por cabeça.

Os bois e as vitellas, depois de pesados, são



conduzidos á casa de matança que tem a fórma rectangular e mede 50 metros de comprimento por 34 de largo, dividindo-a em cinco naves, largas columnatas de ferro, em cujas argolas se prendem as rezes logo que são abatidas. Nos angulos d'esta casa, ha quatro divisões que servem as do norte para a matança dos vitellos e do gado dos israelitas e as do sul para os carneiros. Extensos pateos dividem os corpos do edificio, e largos subterraneos que communicam por escadas de pedra com o resto do edificio, applicam-se á arrecadação e salga.

Uma linha ferrea atravessa todas as dependencias, girando sobre ella carros de ferro para transporte de varias miudezas das rezes, cada uma das quaes tem a sua preparação especial.

O processo da matança é o denominado do jugo. Consiste em fazer a secção da espinhal medulla, por meio de uma faca triangular e aguçada (faca de jugar) cuja lamina o operario introduz no espaço que fica entre o occipital e a vertebra atlas. Vibrado o golpe, o animal cahie como fulminado, e novamente o sacrificador lhe introduz a faca no canal rachidiano. A agonia do animal não passa de 3 minutos.

Procede-se logo á sangria, usando uma outra faca (faca de



Porcos para a matança



O chamuscado

sangrar); e depois á esfoladura, com a faca de branquear, que tem a fórma triangular, sendo o gume convexo no terço anterior.

A morte dos carneiros é diversa. São jugados com uma haste de ferro afiada que lhes fere a espinhal medulla, e depois são sangrados por degolação.

Antes de se lhes dissecar a pelle, e ás vitellas, são assoprados por meio de um folle.

As operações que se faz ao gado morto são por sua ordem, a extracção da lingua, estomago, intestinos, suspensão, frossuras e depois o esquartejamento, marcando-se depois a tinta preta em cada um dos quartos em que se divide a rez, e em cada uma das vitellas e carneiros, o numero dos talhos a que são destinados, não, é claro, sem soffrerem um exame



Carregando a carne de porco

especial dos medicos veterinarios. Quando estes lhes encontram lesões microscopicas caracteristicas de alguns dos morbos especificados no regulamento sanitario, destroem-as com acido sulphurico e depois essa carne é enviada para o guano. A lesão mais vulgar nas rezes é hoje a tuberculose que infelizmente se vae alastrando de anno para anno.

Só depois d'esse exame é que as carnes são levadas á balança para determinação do peso limpo, peso que é a base da liquidação do custo da rez, e seu rendimento.

Os despojos das rezes que se não vendem nos açougues,



Taího ambulante

prensa, fragmentado em nova calandra movida a vapor, esfarelado em moínhos e posto enfim a secar n'uma estufa; as pelles salgam-se com sal commum.

Muitos d'estes despojos, preparados no matadouro tem merecido em diversas exposições internacionais premios muito honrosos.

Findos estes serviços, os patos e as officinas são lavados e desinfectados.

Junto do edificio hoje dirigido pelos srs. Joaquim Ignacio Ribeiro e Antonio Augusto dos Santos, ambos lentes distinctos do Instituto de Agronomia, ha em construção provisoria, que não merece por isso ser descripta, o matadouro do gado suino.

Ha ainda, no emtanto, uma installação digna de registro: é o gabinete de analyses microscopicas e bacteriologicas, do qual é conservador preparador o veterinario sr. Julio Pimenta Rodrigues. E' n'esse gabinete que se faz com uma regularidade systematica o exame trichinoscopico da carne de todo o suino ali abatido, carne que carece de uma observação minuciosa por causa da *trichina*, microscopico cuja existencia na carne é o bastante para que esta seja perigosissimo elemento morbido, constituindo portanto a sahida de



A morte do boi

excepto as frossuras e cabeças, são retirados da casa da matança para as diversas officinas e depositos. Vão para lá os estomagos, as mãos, as tripas, o sebo, que são producto do commercio dos tripeiros; o sangue, as pelles e os chifres, que ficam sendo propriedade dos donos das rezes.

A preparação de todos estes residuos é muito curiosa. Dos estomagos extrahem-se o epithelio e a gordura, de fórma que as membranas musculosas e a mucosa fiquem completamente limpas para poderem ser utilizadas na alimentação publica; as mãos de vacca e os pés de vitella e carneiro são submettidos á acção da agua quente, raspados e desunhados; as tripas preparam-se despegando os intestinos das mesenterias e despindo-as das membranas sorsa e muscosa, ficando portanto reduzidas á tunica muscular a qual, depois de limpa, constitue a chamada tripa do commercio; o sebo é refinado pela acção combinada do calor e de um alcali, em vasos fechados, processo de fusão este muito salubre e rapido; o sangue é cosido até coalhar e se libertar da agua, sendo depois comprimido fortemente em uma



O homem das frossuras



O boi morto

gado n'essas condições um verdadeiro crime.

Chegamos á matança do chamado boi de judeus, systema especial adoptado pela colonia israelita, sob pretexto de que o soffrimento do animal é menor e de que portanto a sua carne mais bem sangrada tem maior duração. O que parece averiguado é que em Vienna e em S. Petersburg, pelo menos, o estudo d'esse systema deu preferencia ao usado em Lisboa.

Os israelitas usam degollar a rez com faca muito polida, extremamente afiada, cortante, e de lamina perfeita; degollam-n'a de um só golpe, com a rapidez



Carregador de carne



A morte dos carneiros

do relâmpago cortando ao mesmo tempo ambas as guelas da rez. O exame sanitario é igual ao que se segue para todo o gado.

Uma photographia, tirada na occasião da morte de um d'esses bois destinados á alimentação dos israelitas, dá melhor do que o poderíamos fazer, a idéa d'esse acto que reveste tambem uma certa cerimonia, porque a elle presidem representantes da colonia.

Em paizes onde as congregações israelitas são mais numerosas usam-seapparelhos apropriados, os quaes, pelo seu machinismo e funcionamento, obrigam o animal, na occasião de ser abatido, a uma grande immobildade sem dependencia do systema de amarração usado em Lisboa.

Os israelitas orthodoxos são intrasgentes acerca da alimentação e não transgredem de forma alguma o seu precepto. Uma vez que um illustre vereador se lembrou de propor em sessão camararia a prohibição de matança de bois aos judeus em Lisboa, o caso ia tomando serias proporções, estando dispostas umas poucas de familias, mais arregaçadas ás tradições da sua religião, a sahirem da capital.

Eis rapidamente, e muito a correr — para que a breve noticia da nossa visita ao matadouro possa dar ao leitor uma impressão segura dos varios serviços, sem o cançar, — descripto um dos estabelecimentos publicos mais bem montados que existem no paiz, sem lisonja. Esta mesma foi a opinião do es-



A saia das peles

trangeiro, quando ha bastantes annos, o seu reformador, o illustre veterinario Joaquim Eleuthero Sabino de Souza, a quem já nos referimos no principio d'este artigo, publicou um livro descriptivo curiosissimo, em portuguez e em francez, *L'abbattoir municipal*, onde todos os serviços scientificos são

magnificamente narrados.

A nossa curta visita foi auxiliada com os pormenores que ao longo d'este artigo transmittimos ao leitor, fornecidos pela amabilidade de um dos mais distinctos empregados municipaes, ao serviço no matadouro, o sr. Constançio de Oliveira.



A morte da vitella



## A alforreca

FALLA a lenda japoneza. Antiguamente — e quem sabe se ainda hoje! — no seio do oceano era o reino faustoso dos dragões. Por longos annos, o senhor d'este reino, o dragão real, viveu celibatario, n'uma existencia descuída; e sabem só os deuses, e não nós, quantas noites de dissipação, em companhia de tartarucas e de lagostas ligeiras de costume, que lhe cantavam trevas ao som do *shamisen* e lhe iam servindo o *saké* em ricas taças, quantas noites elle passou em travessas intimidades amorosas!...

Verdores, que passam breve. Um bello dia, resolveu casar se, o bom soberano. A noiva escolhida foi uma joven dragãoeita, de dezesseis annos penna, adoravel, digna pelos seus mil encantos de ser a consorte feliz de tal senhor. Esplendidas foram as bodas por essa occasião, segundo consta: sem já falar na côrte intima, toda a bicharia aquatica, peixes, mariscos, moluscos, todos vieram proccionalmente em cardumes, em bellos *kimonos* de sedas encarnadas, offerecer seus respetos e presentes; e foram, durante longos dias, occupados regabofes, em danças, em musicas, em banquetes...

Mas nem os dragões escapam ás duras provações da existencia! Ainda bem um mez não se passára, quando a augusta soberana caiu doente; e taes cuidados inspirou desde logo o seu estado, que era uma lastima observar as trombas compungidas dos fidalgos, commentando baixinho, em lamentações do seu officio, o triste caso. Reuniram-se os doutores em consen-

rencia; falaram muito, discutiram muito, como sempre succede; consultaram-se abalados alfarrabios de therapeutica; as barbatanas incansaveis rabiscaram um milhão de receitas milagrosas, e todas as tisanas se serviram. Baldado intento; a soberana extinguiu-se; e afinal os focinhos dos sabios, n'um fregoito de piedade e desgano, tiveram de ser francos, de declamar que a sciencia — já n'aquelle epoca se enchia a bocca com a sciencia — que a sciencia nada mais podia fazer, e que um angustioso despecho era de esperar se.

Do seu leite de enferma, de entre os *futon*, as fofas colchas de setim, agita as tremulas patinhas a rainha; chama junto de si o esposo, e diz lhe estas palavras ao ouvido: — «Uma só coisa me salvará: arranquem e fiquem a um macaco vivo, e consistam que o devore; recuperarei a saude...» — O rei não pôde reprimir um gesto de surpresa, quasi de enfado, e todo se lhe erriçou o bigode facanhudo: — «Um figado de macaco! está louca, minha querida!...» — Ella prontamente reirrou: — «Louca, porquê? Vossa magestade esquece porventura, que nós, o grande povo dos dragões, no mar vivemos sempre; em quanto que os macacos, muito longe d'aqui, vivem na terra, nos bosques, entre as arvores, nutrido se de fructos... No figado do mono alguma coisa virá que participe d'esse mundo, tão diverso, tão outro; e essa partinha extranha, senhor, me salvará!...» — E a rainha, a quem as lagrimas acodem, prosegue n'um tom reprehensivo e lastimoso: — «Uma insignificancia, um nada, pedí, e esse nada vossa magestade me recusa. Julgava merecer-lhe mais affeitos. Dispa-me d'estas pompas de soberana, não as quero; dá a corôa

a outra esposa, mais digna, mais formosa; consinta que volte ao ninho carinhoso de meus pais... — A voz sufocava-se em soluços, não pôde mais proferir uma só palavra...

O rei dos dragões não queria passar, entre damas, por um dragão cruel; por demais conhecia elle os caprichos pueris do sexo frágil, mas perdoava-os complacientemente por systema; e sobretudo adorava a esposa, cujas lagrimas desejaria pompar a todo o transe. Satisfazia-se pois o carricho da rainha. Mandou chamar a sua escrava mais fiel e dedicada, a alforreca, e disse-lhe o seguinte: — «Vou dar-te uma espinhosa tarefa, minha velha, mas cuido na tua dedicação nunca mentida; preciso que empreendas uma longa viagem, que vades até junto de terra, e alli convences um macaco a vir comigo a estes meus reinos; fala-lhe, para o resolveres, da magica belleza d'estes sitios, tão diferentes dos seus, e da gentileza d'estes meus subditos felizes: mas o que eu realmente quero, n'este caso, é que se arranque o fígado das entranhas de tal mono e se sirva como medicamento á tua jovem ama, que, como de certo sabes, se acha em perigo de vida, a desditosa.»

Lá vae, oceano fóra, vento em pópa, a alforreca, emissaria obediente e ufana do encargo. Por aquellos tempos, a alforreca, como qualquer bicho das aguas, era um animal gracioso, de contornos esbeltos, com cabecinha, com olinhos, com molinhos, e com a competente cauda trillante; ficava-lhe tão bem o fato de marujo!... Lá vae oceano fóra, oibar sereno e copulador, rompendo a vicerosa bragada a cada fria. Não tarda muito a abeirar-se do paiz onde vivem os macacos; por felicidade, um slem está, um lindo mono, saltando de ramo em ramo, de pendurando-se das arvores que enraizam nos penedos e se debracam sobre o mar. — Bons dias, senhor macaco. Eu venho aqui expressamente para falar-lhe d'um paiz longinquo muito mais bello do que o seu; é elle situado alem das ondas e conhecido pelo reino dos dragões; alli não ha estações, é eterna a amenidade do clima; alli, nas copas das arvores repolbudas, constantemente amadurecem avelludados fructos saborosos; é colheita, não ha outra tarefa; para cumulo de conforto, essas creaturas mal-fazidas, homons chamados,



Boia para a mataca

alforge de peregrino, um empecilho, que elle estimava por de parte durante o dia, para se entregar mais á vontade aos seus exercicios de acrobata; hábitos de familia, já seu avô fazia o mesmo; e concluiu, que o melhor que tinha a fazer n'este momento era voltar-se para tras, e na arvore encontrariam o fígado em questio.

Não pôz objecções a nadadora. Voltando á terra, o macaco saltou ao castanheiro com uma liciteira nunca vista, nem mesmo entre macacos, acompanhando o pulo d'uma alegre careta e d'um gesto que tradizia o jubilo do destino, coisa que passou vitoriosa á alforreca. Procurou entre as folhas o seu fígado. Não o encontrou. Explicou então do alto á alforreca, que provavelmente algum companheiro o levára para longe, o que o obrigava a mais demoradas pesquisas pelo bosque; no entretanto, que fosse ella contar o caso ao seu senhor, que devia estar susciço por vel-a chegar antes da noite.

Assim procedeu o bicho.

El-rei, que a esperava e que a escuto, enraivecido por tamanha ingenuidade — para não lhe chamar coisa mais feia — mandou logo vir da mataca um bando dos seus mais soberbos samurais, e ordenou-lhes que marchassem no bicho á pancada, até caçarem. O castigo foi cumprido, e com esse vigor de braços villosos, que mitam aos applausos do monarcha. E' esta a razão porque a alforreca, hoje em dia, não tem pernas, nem cabeça, nem cauda, nem barbata; — tanta pancada levou que ficou reduzida a esta miseria, massa informe, um farrapo, um pedaço de gelatina, boiando desprezivelmente á mercê do turbilhão das vagas.

Com respeito á soberana, reconhecendo no disparate do seu capricho, concluiu que o melhor que tinha a fazer era erguer-se da cama e pôr-se boa; e assim fez, com grande pasmo dos doutores.

A historia da alforreca está contada, na sua simplicidade commovetada. E' veridica esta historia, como tudo que o povo relata de memoria; e creia n'ella quem crê. Ficou-se á sabendo, no entretanto — e é isto d'um proveitoso ensinamento —, que os japonezes, tão prodigamente propensos ao perdido para tantos peccadilhos de alma e de costumes, castigam os patotas.

Diga-se francamente: esta desgraça da alforreca, no paiz do sol nascente, era inevitavel; e o caso presta-se a interessantes commentarios, que eu vou resumir em poucas linhas. Os japonezes — povo de artistas — são os maiores amadores da criação, da for-



A casa da mataca



Edifício do Matadouro

da, da vida; ninguém como elles conhece os segredos da ave, do insecto, do reptil, do peixe, do molusco, do verme, de todos os seres da terra; a animalidade graciosa d'esses seres, estudada com percepções especiaes, que nos escapam, constitue o thema mil e mil vezes variado, dos seus primores de arte. Mas esse monstro, essa deformidade, essa alforreca, que se apresenta como unica excepção da lei geral da gentileza da vida,



O boi dos judeus — A morte



O espiacimento

Nabuco nas illuções, Balthazar nas evidencias.

E' prerogativa dos talentos subimes fazerem, de mutua relação de idéas, que umas com outras fidelissimamente se correspondam.

D. Francisco Manuel de Mello.

Um dos grandes problemas da hora presente é conseguir conciliar o amor e o serviço da patria com o amor e o serviço da humanidade.

Ernesto Lavisse.

## EDUARDO GONÇALVES DA COSTA

EM plena força da vida, foi traiçoeiramente ferido pela morte, em uma d'estas madrugadas, quando depois de algumas horas de franco cavaco e alegria com alguns intimos no *Café Aguia d'Ouro*, regressou a sua casa da Batalha. O Porto estimava-o muito, e com razão.



† em 14 de Fevereiro

Todos os primores de um coração bondoso — a generosidade — a philantropia — a caridade — o desinteresse — possuía em alto grau Eduardo da Costa, que era irmão do illustre negociante de Manaos o sr. Francisco Costa Porto, um dedicadissimo propagandista das cousas portuguezas, que lá longe não esquece a sua patria nem os seus patricios. Eduardo Costa era sobretudo um generoso. Na politica militou sempre, como *dilettante*, por si, como afficionado, pelos outros. Era um luctador e apreciava os combates politicos, mas para se retirar vencido ou vencedor, sem nunca pensar no premio da victoria ou nas compensações da derrota.

Enthusiastico admirador do actual ministro dos Estrangeiros, quando este entrou na vida politica, trazendo para o parlamento as altivas qualidades de tribuno, ficou sempre a travez de tudo um dos seus mais dedicados.

Pouco tratava dos seus negocios, porque para viver bastava-lhe o que tinha, mas em compensação tratava immenso dos negocios dos outros, aos quaes sempre pensou de servir e ser util.

## O GENERAL ANTONIO DE CAMPOS

O illustre militar que falleceu a 13 de fevereiro, era commandante da 1.ª divisão e um dos generaes mais novos do nosso exercito; quem o visse apurmad e direito, atravessara a cidade, no seu cavallo, não diria por certo que tão cedo a morte o fulminaria. Disciplinador e energico, affavel e bom, era a um tempo querido dos superiores e dos subordinados.

Morreu com 60 annos, mas parecia muito mais novo. Filho de Antonio Caetano Coelho de Campos e D. Vicencia Josephina Fonseca e Almeida, assentou praça como voluntario em 1850. Foi, durante a sua carreira militar, promotor de justiça da 2.ª divisão, commandante de cavallaria 9 e 2, ajudante de campo effectivo de El-Rei, commandante da arma de cavallaria, chefe da commissão de recenseamento de animaes e vehiculos da 2.ª divisão, deputado na legislatura de 1895, vogal da commissão encarregada de estudar o plano de organização da escola do exercito, e outros, 2.º commandante da 1.ª divisão e por fim seu 1.º commandante.

Tinha as grã-cruzes de Aviz, e merito militar hespanhol e a medalha de comportamento exemplar.

Era irmão do illustre poeta Luiz de Campos, um dos representantes mais lidimos do Parnaso, e deixa viuva e tres filhos.



† em 13 de Fevereiro

# Historia do batel Vae com Deus

## e da sua companhia

### TIRAR DAS REDES

**O**s pescadores, sob o sol que rutila, vão alando as rédes. Uns puxam-n'as, outros arrancam da malha os peixes maiores e mais vivos. Armados com um bicheiro, uma vara com um gancho de ferro na ponta, desancam dois congros enormes de dentes afiados — e tantos! — como agulhas e que se debatem n'um desespero. Tudo encharcam as redes cheias de algas e a lufa-lufa e enorme. Gritam, gesticulam — e o peixe vae pouco e pouco enchendo o fundo do barco, reluzindo e saltando como prata viva. Todos molhados, de barbas vivas, as pernas nuas e os braços á mostra, a navalha em punho para marcar o peixe das suas redes, formam um quadro agitado, quasi feroz.

E o peixe vem vindo, salta no cavername negro, entre agua do mar e filamentos verdes das algas. São as pescadas, de dorso listrado e negro, os ruivos dourados, os bonitos, os capatões ferozes, de boccas escancaradas e grandes olhos fixos, frementes e debatendo-se presos pelas guelras nas malhas das redes que os homens vão arrancando do mar. Onde a onde vem preso um caranguejo, que passeia no fundo do barco, de ferros erguidos, ameaçador, ou uma aranha do mar medonha e tropega, e, espandando a agua e arrombando as redes, uma toninha tremeluz negra e com o ventre polido.

- Eh pae! tanto peixe!
- Tanto que lá vão as redes!
- Quanto?
- Pra ahí dois centos... Eu sei!...
- Louvado seja o Senhor!

Depois apparecem os peixes do fundo, solhões enormes, raías. Santos Antonios pequeninos, rudovalhos. E a cada rede que entra no barco é uma algazarra enorme. Em todas o peixe se debate, abundante e vivo.

As redes são differentes: ha as da pescada e as do ruivo, as do savel, que se chamam quartos, os lampreiros, as redes de malha pequena da sardinha. São, com os barcos, a unica riqueza do pescador. Cada homem tem em geral duas ou tres e do que com ellas tiram ao oceano pagam um quilhão ao barco: de cada duzia de pescadas uma é para o patrão do batel — e ha ainda um dizimo que se paga ao Senhor dos Navegantes para que os proteja. São em geral feitas de ticum e têm uma marca na corlça para se conhecerem melhor. Lancam-n'as ao mar, amarradas umas ás outras e com uma grande boia presa nas pontas. Chamam-lhes a *caça* e d'inverno, para que se não percam, arrostam com a tempestade e dormem as noites ao pé d'ellas; de verão largam-n'as e voltam um dia depois á collas-as.

Tarde, ponte. Içam a vela. — Oh ala! oupa! oupa! — n'uma toada triste, que a chiada da escota no moitão acompanha. Sob o panno no céu e o batel abica á terra bordejando para aproveitar o vento.

— Vamos lá, rapazes!

Sentam-se nos barcos e cada um vae tirando o peixe das redes e marca-o a golpes. O batel de pezado parece roncoeiro e, como o vento incha a vela, quasi mette a borda n'agua.

De novo apparece a terra — areaes, riscos verdes de pinheiros, toda a costa batida pelo sol, o pontão de Carreiros e a penedia negra onde o mar escachoa, agitando nas fragas o seu cabelo branco. Destacam-se as casas, as povoações requemeadas do ar do largo e muito longe, ethereas, como nuvens pousadas, as montanhas violetas.

Approxima-se o barco. Os homens desencamam, deitando se, encharcados e n'uma fadiga enorme. Têm sarçãos na cara, nas barbas, e as mãos, os braços curtidos e salitrosos. Respiram com soffreguidão o ar forte. O moço olha e vae comendo um resto de borã do seu cesto.

— Quantos centos, sê Manuel?

— Dois centos, rapaz, dois centos — Então temos de cantar o Bemdito?

— Pois temos...

E' o ultimo bordo. Avista-se a barra, a ponta do cabedello, e o pharolim onde o sol rebrilha. No caes distinguem-se mulheres esperando.

— De pé! de pé! herra o arraes. Tiram os barretes e, já na mansidão do rio, tendo dobrado o bico do areal, onde um bando de gaiotas esvoaça empoadando de branco a quietação do azul, põem-se de pé, entoando:

Bemdito e louvado seja  
O Santissimo Sacramento...

Ha uma berraria no caes.  
— Quanto? quanto? perguntam.  
— O' Joaquim! o Manuel! quantos centos?

O mocinho vê a mãe, toda de negro, acenando-lhe do caes e alegremente exclama:

— Dois centos! dois centos!  
Uma aclamação e logo os homens fortes, cansados, cheirando a mar, com a caverna do barco atulhada de peixe, de novo entoam:

Bemdito e louvado seja...



A vista de terra

A vela, tombando sem vento, destaca-se ao céu em brazo. Ao longe mais velas, catraios, lançhões, bateis, vêm entrando em fila, recolhendo com a noite, alastrados de peixe, tendo tirado do mar o sustento dos homens.

— Louvado seja o Senhor pela fatura!

Atropellam-se as mulheres correndo, com as canastras á cabeça. Nas linguetas vae já uma balburdia enorme, e gritos, pragas, algazarra. De escuro com a saia encascada e a perna á mostra, salpicadas de agua, o mulhero clama:

— Tanta fatura! tanta fatura!...



Na praia



Assim entram os barcos. Tudo o poente se esbraseia. Nuvens esfarrapadas debruçam-se de fogo. O sol todo o rio sai n'aquelle instante da forja e ao mergulhar no oceano amargo vae explodir. Ha tintas de prodigio no horizonte, campinas verdes, nuvens com formas monstruosas, todas ensanguentadas, e recantos cheios de paz onde uma estrelinha já arde. Sobre o mar cabe uma chuva d'ouro, um pó fino e doirado, que se mistura com a evaporação verde do oceano. As ondas acalmam — e, do lado de terra, por traz d'um tufo de pinheiros solitarios, sobe a lua pallida e esplendida. Atracando ao caes ainda se ouvem as vozes dos homens cantando

... o Santissimo Sacramento...

O peixe atira-se para a lingueta aos montões, separando-se os ruivos, as pescadas, os bonitos. O quinhoão de cada homem é quasi sempre vendido pelas mulheres e pelas raparigas, que, de perna nua, agaçadas, n'um passinho miudo e rapido, partem apregoando para a cidade.

— O meu quinhoão! diz o moço, mostrando á mãe os peixes que lhe couberam.

E a velha, agarrando o filho, olha-o com lagrimas. Se o destino se mudasse com lagrimas!...

Escurece e no lagoado da lingueta as mulheres em grupos, á roda do peixe, discutem, berram, vendem e quinhoam. Outras lavam as redes. Os pescadores nos barcos seguram n'uma ponta, ellas do caes na outra, e batem-nas na agua.

E noite. A lua sobe no céu e o rio tremeluz, prateado, com escamas. Luzem estrelas. Pela vieilla pedregosa a mãe, com o filhinho pela mão, vae ouvindo a narração da sua primeira ida ao mar — e como os peixes se debatiam nas redes — e o que o araes lhe disse — e como as aranhas passeavam no fundo do barco, que em tres bordos veiu apor a terra...

— O mar! o mar!... Se o destino se mudasse com lagrimas!

RAUL BRANDÃO.

## Dr. Abel de Andrade

Novo ainda, tendo consagrado os melhores dias da sua mocidade a um estudo de profunda e constante meditação, entrou na vida publicá já com uma vasta obra entregue á publicação, obra d'incostavel valor principalmente nas sciencias juridicas. O seu nome, aureolado de sympathia e estima, já tinha sido exaltado com entusiasmo pelos graves conceitos da critica philosophica.

Sentindo a falta d'espaco e de tempo para uma rapida noticia das suas obras, limito-me por agora a indicar as que tenho a satisfacção de conhecer e possuir.

*A Synthese Cartésiana* — Influencia do cartesianismo sobre o racionalismo.

*Princípio das Nacionalidades Critica Literaria.*

A parede e as minhas responsabilidades.

Administração e Direito Administrativo — A Joia de Deus, plaquette. A Tuberculose, impedimento dirimente do matrimonio — Memoria apresentada ao congresso nacional de tuberculose — Critica Financial.

Comentário ao Código Civil Portuguez, tom. I, artigos 352.º a 443.º — Evolução Politica em Portugal — Cadeias dos annos reaes — A Vida do Direito Civil — A Pontuação de Direito Commercial, editados por um discipulo.

De quasi todas estas edições exgotadas. A Vida do Direito Civil comprehende cinco opusculos de larga e variada erudição nas mais interessantes e difficilissimas questões que actualmente provocam as atenções dos mais eminentes sabios do direito civil.

Estudo sobre a questão social — Natureza do Direito — Direito Social — Códigos do Direito Civil — Applicações Antropologicas-sociaes.

Foi assim que, ainda em idade de paixões e descuidos, honrou as altas distincções que, na universidade de Coimbra, lhe conferiram as faculdades de theologia e direito.

Se tanto vale pela dedicacão com que tem trabalhado, pelo talento que tão preciosa produções lhe tem inspirado, mais vale ainda pelo caracter, sempre generoso para todos, leal em todas as circumstancias, recto mesmo no meio d'injustas e irritantes contrariedades.

Um dos eruditos e eloquentes oradores na festiva cerimonia do doutoramento do actual director geral de instrucção publica, Abel de Andrade, foi o doutor Assis Teixeira de Magalhães, que não daviu então exceder as formulaes singulas do estilo academico, mostrando que, para o seu elevado espirito, a

sympathia não é incompativel com a austeridade e que sabe abrilhantar com donaires as mesmas exigencias da disciplina. E certo que celebrou em primeira oração os merecimentos do candidato Abel de Andrade, que se apresentava então a solicitar um lugar no doutorado de direito. D'esta oração do sabio cathedrico são as notas biographicas, que vão em seguida.

«O seu talento e capacidade de trabalho, que foram sempre consideradas as qualidades caracteristicas da sua individualidade academica, foram postos á prova em 1886, quando se propoz fazer, n'uma só época, todos os exames preparatorios ante os jurys do lyceu de Braga, com o fim de poder matricular-se na Universidade. O exito que obteve n'esses exames deixou prever desde logo «a brilhante carreira que lhe estava reservada, porque conseguiu ser approved com distincção nos exames de litteratura, physica, chimica e historia natural, latindade e legislação civil; e com lauros nos restantes, isto é, nos de lingua portugueza, franceza, geographia e historia, desenho e philosophia.

«Em outubro seguinte matriculou-se no 1.º anno das faculdades de theologia e direito, em que deu as suas provas finaes, interrompendo em seguida o curso de direito, cujos estudos reatou em 1892 a 1893, depois de se formar em theologia.

«As classificações que alcançou nos seus dois cursos — theologico e juridico — são as mais elevadas que os conselhos academicos podem conferir, porque em todos os cinco annos de theologia conquistou premios pecuniarios, e em direito uma distincção, dois premios pecuniarios e dois accessitas. As informações de formatura foram, em theologia, Muito Bom com 17 valores, e em direito Muito Bom com 16 valores, que manteve no senacto de licenciatura. No exame de hebreu havia obtido approvaçáo distincta.

«Poucos estudantes, de entre os mais benemeritos por talento e estudo, chegam a este logar laureados com tão numerosas e tão elevadas classificações. Da carreira academica passa o illustre cathedrico para d'auctor e exprime-se n'estes termos:

«E, se as suas primicias de escriptor procuraram a modesta estria do jornal, em breve a largueza do livro foi escolhida para campo adequado á exposicão desenvolvida das doutrinas e ao firme criterio d'uma orientacão definida. «A lista das suas obras é extensa; não me proponho aqui enumerar-las, quanto «mais apreciá-las...»

E termina recommendando tão distincto candidato, já mesmo como funcionario publico d'elevada categoria.

«Finalmente o senhor Abel de Andrade entrou na vida publica continua o doutor Assis Teixeira de Magalhães «depois de ter obtido em um difficil e disputado concurso a primeira e mais distincta classificacão, exercendo com rara competencia o logar de secretario geral do governo civil de Santarem; e côm-me agradável afirmar que o ultimo governador civil d'esse districto, e meu prezado amigo, o excellentissimo senhor Francisco José Machado, em documento espontaneo e muito honroso, testemunhou o seu profundo reconhecimento pela «maneira intelligente, leal, digna e briosa, com que o senhor Abel de Andrade «o coadiuvou em todos os ramos de serviço submettidos á sua escolheida e sabia «apreciacão — palavras textueas do illustre magistrado administrativo.»

Como orador, só se prejudica o doutor Abel de Andrade pelo empenho de ser profundo nas questões de que haja de tratar. Estudada a todas, desde as suas origens, nas suas diversas phases, atravez de varios accidentes, considerando todas as hypothesees, procurando e distinguindo todas as soluções, e mantendo com escrupulo a probidade scientifica. Ficou com este habito adquirido desde os seus primeiros estudos.

A sua rapida passagem pelas cadeiras de faculdade de direito ficou brilhantemente assignalada pelas proleções, das quaes muitas estão publicas. Já deihei indicada uma, e lembro-me ainda das d'economia social.

Forté pelo caracter, d'immaculada consciencia, talento vigorado e polido por seguro estudo, é homem de poderosas faculdades de trabalho, de efficas actividade e de altos sentimentos.

Elevada posicão occupa já na instrucção nacional, na administração publica e na politica. Ha de proseguir em brilhante carreira, sempre querido de seus amigos, sempre estimulado de seus adversarios, por uns e outros admirado. E, quando for seu conhecido nos dotes que li encontrei em alma, nas generosas aspirações que o inspiram e animam, terá certamente adversarios politicos; mas nenhum homem de consciencia honesta será seu inimigo pessoal.

Coimbra, 1901.

ALFREDO DA ROCHA PEIXOTO.



## Viuva

E' talvez a mais triste das viúvas:  
Na outra orla alegre e limpida pupilla  
Hoje o vinho das lagrimas scintilla,  
Vinho adoravel das mais finas uvas.

Conduz calçadas no grilhoão das luvas  
As mãos de opala e transparente argilla;  
Occulta a face pallida e tranquilla  
No véo, neblina das manhas de chuvas.

Essa alegria passaral dos noivos  
Foi para ella tão fugaz, tão pouca,  
Morreu-lhe a crença amortalhada em goivos...

A noite n'alma, a noite na madeixa  
Beijando a espada em caracões, e á bocca  
O Stradivarius tremulando da queixa!...

Manóes.

JONAS DA SILVA.

# MATER DOLOROSA

A JOSÉ VILLAS-BOAS

**A**QUELLE amor da Luiza pelo seu filhinho tocava as raíças da idolatria! Ella não conhecera pae nem mãe, a Luiza, nem sabia ao certo onde tinha nascido; e virgem de affectos, por não ter, afinal, a quem os dedicar, percebia agora que nem ao pae do seu filho dera a menor parcella do seu coração, — comquanto n'esse breve periodo do derricho que durara apenas o mez das vindimas, pensasse amál-com com todas as véras.

Aquillo principiara pelo pedido de um beijo, — e lembrava-se de lhe ter respondido:

— Ah, não, rapaz! Isso de beijos é como às castanhas: quer-se que caíam de maduros!

Mas dera-lh'o, afinal, e illudira-se! Illudira-se como elle a illudira; e abandonada por elle não tardou nada, tambem ella o esquecera, quasi contente, — p'ra viver só para o seu «anjinho.»

Esse sim, era bem d'ella, porque o gerara nas suas entranhas; — e em paga, era agora o seu filho a luz dos seus olhos e toda a alegria do seu coração; — mas vél-o assim a soffrer tanto, de dia e de noite, e a mirrar-se-lhe nos braços cada vez mais, parece que lhe levava aos pedaços o coração, — e nem já lagrimas tinha, a Luiza, para chorar. . .

As visinhas diziam-lhe, ainda não havia muito:

— Credo, mulher! Tanto beijo! Com tantos beijos que dás no pequeno, assim até lhe chupas as côres!

E parece que sim, — porque de viçoso que era tornara-se murcho, e já o José Bernardo, chamado p'la mãe p'ra lhe receitar, lhe dissera na vespera:

— Olha, sabes que mais? Pensa n'outro, que esse está prompto.

Fôra como se a apunhalasse no coração, o José Bernardo; porque ella mesma, a despeito de se querer enganar, quasi perdera a esperança havia dias, — e sentia se morrer tambem.

— O' snr. José Bernardo! mas isto, assim é sem remédio?! — ainda ella perguntara ao barbeiro.

— Já te disse. Arranja outro, que esse está prompto. Como a ferida aquella crueldade!

— Mas venha sempre, snr. José! — supplicara ella; e elle respondera-lhe que não voltava «porque era escusado».

...E precisamente porque não voltara, esse dia tinha decorrido todo ainda mais triste, — sem vér ninguém, sósinha com a sua dôr e a dôr do seu filhinho doente...

A casa, ademais, ficava n'um desladio da povoação, e poucos por ali passavam senão para as hortas. Parecia tambem esquecida, a propria casa; e ella, com a sua dôr, p'r'ali esquecida tambem, — parece que até de Deus!

E todavia, elle resava-lhe;



e o tempo que não levava a amimar o filho, e a agoniar-se d'essa agonia em que se definhava, e ella tambem, levava-o com o pensamento posto em Deus, — a resar-lhe com todo o fervor:

— «Padre Nosso, que estaes no céo, santificado. . .»

Agora, como a tarde ia baixando, e a casa não tinha para a allumiar senão a porta, viera para a porta com o filhinho nos braços; — e sentada no limiar, com os joelhos a fazerem de berço, dava-lhe ao menos, já que mais não podia dar-lhe, a doçura serena d'aquelle crepusculo.

O recanto, ademais, era pittoresco; — e já nas olaias visinhas, muito copadas, a passarada se juntava para o somno da noite, — e ella pensava n'aquellas mães que eram as andorinhas, e nos filhinhos d'aquellas mães, — «todos tão alegres!» . . .

— Mas alegres?! . . . Quem sabe lá! . . .

E pareciam dizer-lhe as andorinhas:

— Coitadinho do teu filhinho!

E os filhos das andorinhas:

— Coitadinho do nosso irmãosinho!

...E era assim ainda mais triste, esse cahir de tarde, — outros dias tão bonito, quando o seu filhinho tinha saude!

Elle mesmo já se sorria ao gralhido dos passaros; — e certo rouxinol madrugador, que todas as manhãs cantava na copa da olaia, já lhe parecia que vinha acordar o seu pequenino, dar-lhe os bons dias; e os beijos que lhe dava a essa hora, ella mesma, tinham ás vezes o rythmo d'esse chilreio, — e imitavam, de caso pensado, esse chilreio. . .

— «Mas ai, ai! Onde isso ia! Fôra hontem, — e já parecia tão longe!»

Agora, instinctivamente, lembravam-lhe todos os pequeninos episodios d'essa vida que pouco mais tinha do que



dois annos: — e quasi esquecida da sua dôr de agora, ia ás vezes a fazer-lhe essa «festa» de que o seu filho gostava tanto, e que consistia em lhe afagar a «covicha» atraz do pescoço, e dizer-lhe quasi com beijos:

— Pequenino, pequenino! Porque é elle tão pequenino?...

Fôra a essa «festa» que elle se sorria a primeira vez; — e o que fôra esse sorriso, que lhe ficara vivo no proprio olhar, só Deus o sabia — só Deus! Fôra mais do que a felicidade: fôra o bem supremo e o supremo encanto: fôra Deus vivo! — E espiaando-lhe o primeiro som articulado, o primeiro bosquejo da primeira palavra, antegosava já essa nova alegria — como um novo sorriso de Deus.

— «E um beijo?! E um beijo do seu filhinho?!» — Quando dará beijos o meu menino? — «Mas isso não o gosara ainda, esse bem celeste, nem, ai, o gosaria!»

... Já o estava outras vezes a vêr quando fosse maioresinho, a mexer se p'la casa como um «trambolho», n'esse balouço das creanças quando ainda não sabem andar; — aos ninhos mais tarde, já fortinho: primeiro a espriçal-os de baixo, depois a querer já marinar... E o rouxinol a queixar se-lhe:

— Olha que me anda com o cheiro nos nabos, esse maroto! Qualquer dia furta-me o ninho!

E ella, a rir:

— Deixa! Eu cá o espriçto...

«Que bom! Que lindo! Como seria bonito! — E como seria «guapo» o seu filhinho, quando fosse já homem!»

Mas acudiam as tristezas: — Mas quando já fôr homem...

Vinha-lhe primeiro a tristeza de o vêr com a enxada ao hombro, á geira, ou ás cargas de lenha p'ra vender; depois as «sortes»: tirar a sorte p'ra soldado... — «Antes morte, que tal sorte!» — e depois, um dia, talvez casado...

Aqui ria-se, á lembrança de ver casado um dia o seu menino; — e cobria-o de beijos, e prendia-o com beijos, como se tivesse medo que lh'o levassem:

— Casado o meu menino?! A'gora casa! Ninguem me rouba o meu menino!

E já lhe fazia perguntas a esse respeito:

— O meu menino não deixa a sua mãe, ora não?! O meu menino nunca ha-de deixar sua mãe, ora não?!

... E com elle desabafava tristezas, mimando a voz:

— Sua mãe não tem mais ninguem! Sua mãe tem só o seu menino! Sua mãe não conheceu pae nem mãe! Sua mãe tem só o seu menino! O meu menino tem só sua mãe! — Ora sim? Ora sim?

E ella mesma respondia por elle, com beijos

— Sim! Sim! Sim!

... Oh, mas a realidade d'agora?!...

— Ai sonhos! Ai tollices! — dizia ella.

E sentindo desfazer-se esse castellino, — «quem sabe lá, dizia, se isto será até p'ra nosso bem?!»

— Morre, o meu filhinho?! Morro eu tambem! Vamos ambos p'r'o céu...

E quedava-se vaga, enlevada n'um sonho religioso:

—... p'ra todo o sempre!

Mas acudia a reacção humana: — «Não, não! O seu filhinho havia de melhorar, voltar á vida como era d'antes, tornar a sorrir-lhe como lhe sorria d'antes! Não, não!»

Uma visinha passara e perguntara-lhe:

— Então, Luiza?...

— Assim. Não sei. O que Deus quizer.

— Deus quer tudo p'lo melhor. E olha, Deus t'o leve. A vida são trabalhos.

«... E tivera filhos que lhe tinham morrido, essa mulher!... Seria possível a resignação?!... — Mas ella propria (lebrava-se!) quando morrera a filhinha da Ignez, dera-lhe tambem os «parabens» p'lo anjo: — «Sentimentos p'lo filho (como se dizia na terra) e parabens p'lo anjo!» — Tambem dissera assim... Oh, mas não era ainda mãe! Fôra cruel sem o saber!»

Percebia agora, em riscos de ter de ouvir o mesmo, que proferira uma blasphemia! — «Deus queria a vida; a vida era um dom de Deus...»

E resava, e rogava, e fazia promessas, — p'la vida do seu filhinho: — «Padre Nosso...»

Mas a tarde ia descaindo.

Um fresquinho muito suave dava á face pallida da creança a frescura doce que teem as flores. Parecia melhor. Só esses ossos das «fontes», cada vez pareciam mais encovados debaixo da pelle, — e os labios, arroxados, conservavam-se agora entrebertos...

Já as unhas pareciam roxas...

Abria ás vezes os olhos; mas faziam-lhe medo, agora, esses olhos do seu filhinho, que pareciam mesmo despedir-se d'ella:

— «Adeus...»

— Morre me, o meu filhinho! O meu filhinho morre-me! Vou ficar sem o meu filhinho!

... E teve, de repente, o pavor d'esse grito d'angustia que vira soltar a outras mães — quando lhes morriam nos braços os seus filhinhos; viu o amortalhado, frio e inerte, á espera que lh'o levassem; o sr. Abbade a vir por elle e a levar-lh'o; — a cova no cemiterio...

— Ai!

Teve um desmaio.

Quando veio a si, beijada pelo frio da noite, — frio de gelo estava o seu filho.

— «Morto!»

TRINDADE COELHO.



## REVISTA LITTERARIA

## O LIVRO D'UM PORTUGUEZ

**V**ersos. E nada hoje nos surpreende mais que ver corações florescerem em poesia, espiritos deliciaes tomarem pelo caminho poético e cantarem o amor, a aurora, as rosas, a mocidade, tudo o que a vida tem côr de ouro, tudo o que embalsama e jovialisa a alma. Correm tempos floz prosaicos, apenas se abre o raciocinio e o sentimento se expande, tão ardidos e desconcertados problemas se impõem á vida moderna, que a mocidade estiola mal brilha, e cue logo dos corações juvenis desfolhada e secca a flor da poesia.

E porisso que do coração exultamos quando surge, e com todo o valor se revela, um poeta. Deante da obra onde se manifesta, figura-se ao nosso espirito que n'elle renasce e fulge a tradição artistica de toda a nossa raça, que nos seus versos canta a paisagem dos nossos valles e das nossas collinas, que o sol, o nesso sol claro e quente, doira, atravez da linguagem rythmica, as cumeadas das nossas montanhas, que a prateada e limpida agua dos nossos rios, correndo e saltando cantante, fecunda a terra que os margina e faz mais saborosos os fructos das arvores em que os passaros poizam um chilreudo alegre. Parece-nos, em summa, que é a alma de Portugal que revive na alma do artista, e basta-nos isso, essas horas em que o espirito se compraz haurindo de uma colmeia de versos todo o mel que d'elles se destilla, para nos reconciliar com os aspectos duros da vida, para evocar um pouco do azul da mocidade que desapareceu, para lembrar, para esquecer...

E injustos seriamos se não dissessemos que essa vida e perturbante emoção de arte acaba de nel-a dar um livro de versos sahido ha pouco dos prelos de Coimbra. Tem o titulo que ao alto d'esta columna se lê, prefacia-o uma carta de Silva Pinto e firma-o o nome de Celestino David, que a todos ou á maior parte dos leitores do *Brasil-Portugal* decerto apparece pela primeira vez.

Essa relativa obscuridade mais nos provoca o desejo de confessar que é injusta, porque quem escreve os versos que n'esse livro se lêem merece ser conhecido e divulgado.

Celestino David, que sabemos ser moço e academico da nossa Universidade, dedica o seu livro á alma de Cesario Verde. E esta dedicatória basta para revelar a afinidade de espirito entre os dois poetas. Ambos rejeitam os estreitos convencionalismos da arte, ambos procuram dar a maior emoção na maior simplicidade, e o rythmo é para ambos não um effeito procurado mas uma necessidade do espirito. Ambos cantam a paisagem, ambos encontram na alma as mesmas notas, ora joviaes, ora doloridas, e um quadro da natureza, uma figura de mulher moça e bonita, uma scena rustica, encantam-lhes por egual o coração e illuminam, n'um riso fresco e sadio, a mocidade de ambos.

Ha versos, não o occultamos, em que o auctor de *O Livro d'um Portuguez* não tem ainda a firmeza, a segurança, que tornam impecavel a obra de Cesario, fazendo d'elle o mestre indistituido n'esse genero tão seu.

Mas não esqueçamos que esse livro constitue as primicias de um talento, que muito promette, e que triumphar *au premier abord* não é vulgar e pode ser perigoso. Basta-nos fixar aqui o valor intellectual, e a sensibilidade artistica que esses versos representam, e basta enunciar a emotividade que elles communicam, para se ver desde logo que estamos em frente d'um poeta.

E como é pallida a nossa palavra escripta e a penna se recusa a traduzir o pensamento na sua intensidade, apreçiem com justeza os nossos leitores os versos que a seguir publicamos, e digam-nos depois se o nome do moço poeta de Coimbra não é dos que mais tem direito a figurar em paginas consagradas ao culto da arte, ao culto do bello.

J. Y.

## ROSARIO DE CANTARES

1  
Somentes p'ra vos beijar,  
Maria, quem ser me dera,  
A lagrima que se gora  
A dentro do vosso olhar.

2  
As canções que vós sohaias  
Em noite escura no balcão,  
Parecem, cachopas, ás  
Tiradas ao coração.

3  
Mariquinhas, Mariquinhas,  
Os teus olhos d'encantar,  
Trazem pressas as alminhas  
Que inda mal sabem amar.

4  
Se os beijos da tua bocca,  
Doce como o mel mais doce,  
Fazem a cabeça louca,  
Quem dera que eu louco fosse!

5  
Não ha luto, raparigas,  
Como a que tendes no olhar,  
Quando passais a cantar,  
Pelas estradas, cantigas.

6  
P'ra que somente tu saibas  
Minhas maguas de rapaz,

Quando em teu leito não caibas,  
O' mar, não voltes atraz.

7  
Coração fala baixinho  
Não vão os olhos olhar  
Á dor que no peito aninho,  
Porque a podem vir chorar.

8  
Vem de dentro a nossa magua  
Se os olhos p'ra lá se vão  
E trazem, desfeitos d'agua,  
Segredos do coração.

9  
Moça! vinde vir, que encanto!  
Noras da Beira a chorar...  
Se tem olhos, o pranto  
Acaba por as ceagas!

10  
Não ceagam, moça que choras,  
Disse-m'o minha avózinha.  
Não têm olhos as noras!  
Ai! toda a norra é cequinha:

## MAGDALENAS DOS RIOS

Dizei-me, ó noras tristes que gritaes,  
Se acaso saís algum enamorado!  
Dizei-me, ó noras tristes, se choraes  
Alguem que aqui morreu assassinado!

Porque eu tambem choro um viver passado  
E sei sentir as dores que affogaes:  
Noras branquinhas, onde vos postaeo  
O luar onde vos amortalhaes.

Sandades são talvez, que fazem dor,  
Como eu as tenho d'algum que me vooa  
Para longe da voz que diz meus ais:

Sandades são talvez d'um grande amor;  
Sandades são talvez,—pois não choro  
Magdalena, assim como vos choraeis!...

## MORRER DO SOL

Á tarde, quando vão para as novenas  
Nos seus escuros chales embrulhadas,  
As raparigas, mihi genitas, morenas,  
P'lo sol da Beira tanta vez beijasas;

Á tarde quando á beira das estradas  
As avés leveas, joviaes, pequeninas,  
Sacodem, ao de leve, as negras pennas,  
Dos lancajes floridas nas ramadas;

E os namorados passam p'ra o sério,  
(Olhos nas noivas em contemplação),  
Maria fita o sol a declinar;

Mas, só quando Ella foge da janella,  
Tão pura como o luar, branca estrella,  
E' que vem o poente ao meu olhar...

## NO CAES

## Laredieiras

Enquanto a roupa edreás  
Lavadeiras, vosso roto  
Não vendo o moço que amais,  
Cora tambem de desgosto.

D'amor preso, o coração,  
Cór d'espuma, cór de neve  
Que faz o branco sahão,  
Bate no peito de leve;

Mas, se o vosso namorado  
Passa p'ra qui, raparigas,  
Ao som das vossas cantigas  
No peito bate apressado,

Cantando lindas canções,  
Como só sabem cantar  
Corações a corações,  
Sem ninguém os ensinar.

## A uma canção

Formosa canção bendita,  
D'um lido e bendito olhar,  
Que só, n'uma alma infinita,  
Ha garganta p'ra a cantar.

Eu qu'ria ser coração  
No peito que te gerou,  
N'uma esfolhada ou sério,  
N'essa alma que te cantou

## O fado

Guitarra chorando o fado,  
Lembraes-me, vós, muita vez,  
A vida, o sonho passado,  
D'este povo portuguez!

Porque a alma portugueza  
Suspira a dentro de vós,  
Guitarra, onde se reza  
O fado dos meus avós.

CELESTINO DAVID.



# Caras e Paulas Prima

III

12 de Março.

Querida prima:

Escrevo-lhe do campo, para onde vim convalescer os nervos irritados de muito trabalho. Está-se bem aqui: a gente é quasi sã; o ar é quasi puro, e a agua canta por toda a parte, em fontes e ribeirinhos. Não tenho grande quietação lá de fora e cá por dentro, na minha alma. Não tenho jornaes para ler, nem decoretas para ver.

É uma maravilha, isto! A velhinha que me dá cama e mesa, ainda canta... E no meu quarto, de noite, entra-me a claridade das estrellas, e, de dia, é o sol que me accorda, quando não é o gallo da tia Zabelinha que nos accorda aos dois. — a mim e ao sol. . . São nove horas, e estou a escrever-lhe algoedinho e alegre... Tive uns queijos e uma manteiga fresca que mereciam um poema!

Se soubesse o que hoje me entretive no pé d'uma roseira! Que coisas lindas a gente tem para ver aqui; é só olhar. . .

Quer ouvir?

Todas as manhãs, quando o sol começava a doirar as folhas mais altas dos magestosos plátanos da estrada, o rebanho punha-se em marcha. As vezes eu vinha vel-o partir.

Hoje, o céu ainda tinha aquella eôr desmaiada e diffusa d'um lilaz muito fraco, muito tenue, e os montes escandiam os arredondados mamellos na frescura baça da névoa que, pouco a pouco, ia esfarrapando-se e mostrando o verdejante valle, aos torticollos, lavadinho d'uma fita d'agua, contorsida em veios de crystal por entre os seixos abundantes. E, cá de cima, da estrada, o lindo valle apparecia como uma seára, em todos os seus cambiantes de verde, desde o verde chlorotico das alfices até ao luzido e condensado verde-negro das nações, saltando erecto e forte d'aquella bô terra fumante e negra, aos sulcos parallelos, disposta em taboleiros. Aqui o tem, o tom geral quebrava-se á volta de casinhas brancas, muito pequenas, que surgiam como salpicos de cal, ao acaso, n'aquella prodigiosa symphonia do verde. E d'algunhas, saia pelas frestas um fumosinho branco que vinha desfazer-se d'encontro ao alpendre dos telheiros.

Ainda dormiam os passerinhos aconchegados nas ramadas finas das arvores e já o meu rebanho caminhava para as pastagens. O meu rebanho era um rebanho microscopico, singular, curioso: uma caricatura de rebanho, que cabia perfeitamente n'esta pagina, que se poderia, á vontade, fechar na mão papudinha d'uma creanga.

Era um rebanho tão pequenino, tão pequenino, que tinha os seus pastos n'uma folhinha serreada de roseira e os estábulos mettidos lá para o fundo ecoro d'um formigueiro.

E no entanto, era um rebanho de vacas. . . Vacas de formiga! Um rebanho de pulgões de roseira, d'esses que as formigas agasalham nos seus formigueiros para lhes tirarem uma mixórdia de leite, um succo adocicado de que em parte se sustentam e de que são gulosisimas.

Quem me dá estas informações é a minha hospedeira, a velhinha senhora Rita, que entende muito de bicharias, hervas e estrellas. . . Esse leite fabricam-n'o os pulgões á custa da seiva da planta em que vivem e segregam-no por uma especie de microscopicas tétas que tem no abdomen e que as formigas esvasiam, comprimindo as com as mandíbulas. . .

Todas as manhãs este phantastico rebanho sae do formigueiro, com um cento de pulgões e algumas formigas de vigia e dirige-se para a folha mais tenra da roseira proxima.

Os pulgões, sem azas para que não fujam, iam muito lentos, muito vagarosos, uns atraz dos outros, n'uma linha esverdeada seguindo uma formiga pacherotta que os pastoreava.

Aos lados e na cauda, vinham formigas vigilantes, cuidadasas, empurrando uns, obrigando outros a entrar na fôrma, espreitando alguma fuga, aguilhoando com as antenas os que ficavam esquecidos, para traz. . . E ao mesmo tempo iam na fila de acarretrar palhinhas, poeiras de flores, partilhas de grãos, sjonjadas, cançadas, desesperadas. . .

Lá ia uma fraqueira, a cair, com um bagosinho de trigo, já sem poder com elle e outra, pressurosa, veio logo a ajudal-a, dar-lhe alentos, lambel a com o seu meio millimetro de lingua e o grão foi para diante. . .

Mas o rebanho avançava. . . De quando em quando, a formiga da frente parava e virava-se á espera dos seus pulgões, e a caminhada continuava lenta e vagarosa, parando ás vezes para descanço.

Quando chegaram ao pé do tronco da roseira já o sol dava nas rosas. Começaram-n'o a subir, tambem em fila, sugando aqui, parando acolá, até que passaram instalar-se n'uma das folhinhas mais novas d'um ramo. Pertinho, havia um botão vermelho a abrir, e n'um bôrdio de pétala minúscula uma gota de agua que ficara suspensa irisava-se atravessada de um raio de sol.

Os pulgões mal tinham chegado ao pasto, empurraram-se, aconche-

garum-se, uniram-se muito esfomeados, muito juntinhos e puzeram-se a chuchar avidamente, gulosamente, aquella seiva fresquinha e doce do ventre fumido da folha.

De lado, a formiga pastora, olhava-os com a sua meia dúzia d'olhos, guardando-os dos inimigos, prompta para dar o primeiro signal em caso de sarrafusea.

Pela roseira, varias formigas espreitavam tambem os arredores, com um ar de sentinellas. — não viesse algum lobo atacar o rebanho. . .

O lobo? . . . Lobo, sim! O lobo podia ser muito bem aquelle coleoptero d'élytros vermelhos que, entredito a saborear um pistillo de rosa, não dera ainda pela chegada dos pulgões.

Mas refastelado de manjar, trepou pela doirada moita d'estames e veio aquecer-se ao sol no alto d'uma pétala aveludada e rubra.

Esse coleoptero era uma linda joanninha com o dorso eôr de mogno, muito polido e pontilhado a negro, como um esmalte precioso d'algunha joia rara.

Do cimo da rosa olhou para baixo, debruçou-se do balaço da pétala, attentou um pouco mais e descobriu os pequenos pulgões na sua faina devoradora.

D'um salto, abriu as azas e caiu-lhes em cima. Mas antes, já a formiga lobrigara e dera o alarme ás outras sentinellas. Que rebolico na roseira! que enfusão n'aquella folha microscopica! Os pulgões attonitos, estarecideos, doídos de medo, cheios de terror, empurravam-se, atiravam-se uns d'encontro aos outros, esmagavam-se na fúria de abalar d'alli, atropellavam-se e caíam da bôrdia da folha. . .

Uas, transidos de susto, perdendo o instincto, vinham metter-se de baixo das patas da joanninha, cuidando que lhe fugiam; outros, emburilhados na multidão eram derrubados, revirados, e toda a turba tropeçava n'elles na precipitação da fuga. . .

Já havia um montãozinho de cadaveres e a joanninha comia n'elles com um appetite digno de quem está almoçando, depois d'um aperitivo de vermão tomado no pistillo d'uma rosa.

Mas ia dar-se a phase terrivel da batalha.

Imagine a minha excellentissima prima que, de todos os lados, escalando inteiramente o limbo da folha, surgiam as cabecinhas vermelhas das formigas de mandíbula escancarada e de antenas rigidias.

N'um momento, atiraram-se ás patas da joanninha e arrastaram-na; outras trepavam-lhe pelo dorso escoregado e escarranchavam-se nos delgados anneis da cabeça descarregando-lhe injeções d'acido formico nos olhos. . .

E vinham mais, muitas mais, n'uma onda negra cobrindo a folha toda e despejando-se em massa sobre o corpo fragil da joanninha, que já oscillava n'aquella ondulação terrivel das inimigas. . .

Por fim a joanninha quiz lutar e não pôde: n'um instante foi levantada ao ar; depois, um grupo muito numerozo pendurou-se-lhe n'um dos élytros e com impulso simultanea atiraram-na para o outro lado virando-a de dorso; saltaram-lhe ás dezenas em cima, e emburilhando-a, picando-a, mordendo-lhe, trouxeram-n'a n'um arranco até ao bôrdio da folha. . .

Ahi, o proprio peso da massa, fôl-a tombiar a terra: todo o formigueiro se uniu e. . . foi uma veia a joanninha!

D'ahi a instantes, já as formigas começavam a acarretral-a aos poucos, para o formigueiro.

Muitas occupavam-se em cuidar das feridas e em conduzir as mortas para dentro da cova, e pela roseira, outras, iam ajuntando os pulgões que tinham escapado da refrega, para os levar, de novo, ao pasto precioso. . .

Eram oito horas e eu estava cheio de fome.

Voltei, querida prima, lembrando-me d'aquello caso celebre, acontecido com o chefe d'uma revolução, que não se realisoou, por elle ter feado, esquecido, no caminho, a ver. . . um formigueiro!

E só agora lhe sei dar razão. . .

Quem sabe, se a esta hora lá por Lisboa, não ha tambem algum formigueiro de gente em guerra com alguma joanninha!

E eu aqui n'esta paz, n'esta poeira luminosa de sol, n'este delizioso cantinho, perdido entre serras e ignorado do mundo, quando penso n'isso, esfrego as mãos de contentamento — por lá não estar!

Um grande abraço do seu muito amigo e primo.

MANUEL PENTEADO.



## MANOEL FRANCISCO DA COSTA

Não é um desconhecido para os leitores do *Brasil-Portugal*; não o desconhece tão pouco o paiz que o conta como um dos seus mais activos e intelligentes industriaes. Entre a galeria dos homens distinctos da capital do norte, agraciados por S. M. El-Rei, por occasião da sua ultima visita, figurava o sr. Manoel Francisco da Costa e elle que despresara sempre honrarias, que fugia a ellas com uma insistente modestia, entendeu e bem que d'esta vez poderia parecer descortezia não aceitar a mercê tão elevada, e tão significativa sobretudo para um homem que se fez pelo trabalho industrial — a Grã-Cruz de Merito Industrial.

A ninguém melhor do que a elle cabe essa grã-cruz. Muito novo ainda, quando contava apenas 13 annos, e seu pae José Francisco da Costa tinha uma modesta officina de serralheria, sempre que o curso das primeiras letras o deixava livre, era para a officina, a ajudar seu pae que elle corria. Depois, entrou como empregado de uma loja de ferragens; a tenacidade do seu espirito observador, e a queda natural que sentia para o commercio, do simples caixeiro fizeram um modesto industrial. Aos 21 annos, estabelecera-se no mesmo ramo.

Data d'ahi todo o seu enorme trabalho. Naturalmente bom, foi feliz, porque a felicidade é ás vezes tambem a recompensa da bondade, e prosperando sempre, elle foi pouco a pouco desenvolvendo a sua casa, aperfeiçoando os seus productos, introduzindo-os com uma incansavel energia em varios mercados, chegando por fim a vel-os rivalizar, em condições muito favoraveis, com os melhores de fabricação ingleza e americana. E é dizer tudo.

O sr. Manoel Francisco da Costa em politica não é um indifferente, e o partido monarchico que tem seguido com lealdade devehaver relevantes e desinteressados servicos. É um dos elementos de maior força que conta no Porto o partido regenerador, e essa força provem não só da influencia que ali tem o industrial, mas ainda das sympathias que conta o homem. Tem 53 annos. Vendo-o, forte e robusto, quasi um athleta, avalia-se logo pelo phisico o que vale o caracter.



## NOGUEIRA SOARES

Já nas nossas *Paginas Supplementares* do ultimo numero, presteu a *Brasil-Portugal* a justa homenagem da sua saudade pelo illustre diplomata, que a morte veiu arrancar ao paiz precisamente no momento em que este lhe ia galardoar os altissimos servicos prestados, com

a sua elevação ao pariatto. Não lhe foi permitido pela doença receber essa distincção, mas para a sua vaidade não lhe fez falta. Duarte Gustavo era um homem de raro bom senso. Foi-o toda a sua vida. Espirito reflectido, ao serviço de uma cultura intellectual muito distincta, myanotropo por temperamento, trabalhador por indole, e estudioso por inclinação, toda a sua longa carreira publica trilhou-a com uma correção inegualavel e sem ambições nem vaidades. Na secretaria dos estrangeiros e das obras publicas, por onde começou a sua vida de funcionario, deixou trabalhos economicos de grande valor. Uma vez ao serviço d'esse primeiro ministerio, em



commissão, lá ficou para sempre, subindo até director geral dos consulados, cargo que exerceu com uma intelligencia superior, que a tinha em boa verdade.

Nomeado depois ministro no Rio de Janeiro, mais tarde transferido para Berne, foi n'este ultimo cargo especialmente, com um trabalho perseverante de todos os dias e uma habilidade diplomatica incontestavel, que elle maiores servicos prestou ao seu paiz na questão tão grave que durante annos ali se debateu junto ao tribunal arbitral, acerca do nosso caminho de ferro de Lourenço Marques.

O conselheiro Nogueira Soares falleceu com 65 annos, quando havia dias chegara a Lisboa em gozo de licença.

## DR. TRINDADE COELHO

QUEM o vê, de livro debaixo do braço, fumando o seu charuto, á porta de qualquer livreria no Chiado, julga-o um ocioso, e afinal, do seu gabinete da Boa-Hora ao seu gabinete de trabalho, elle vai sempre dando que falar, com as suas *pronuncias*, com as suas cartas e com os seus contos. E, graças á litteratura contemporânea, o que elle faz do melhor são os contos. Lendo-os e apreciando-os não ha duas opiniões diversas — são bons, enquanto as pronuncias, essas são discutidas e criticadas especialmente as que dizem respeito a processos de imprensa. Como elle, litterato e jornalista, consegue metter em processo os collegas, sempre dentro da lei, e depois quando



faz um livro, deffrontar-se com um certo misso de elogios, d'esses exactamente que elle mandou para a cadeia, é a grande habilidade do seu duplo cargo de delegado e escriptor.

Bom transmontano, elle ama o seu torrão natal com o enthusiasmo de um patriota, e como se não tivesse nada que fazer, como se effectivamente passasse a vida cavando nas livrerias, ou no Chiado, o dr. Trindade Coelho inventou ainda um *Boletim Parlamentar do districto de Bragança*, mostrando assim aos electores que o não elegeram que, apesar de não ser deputado, se occupa do que lá se passa sobre Bragança, o que de resto lhe não dá muito que fazer. E por isso mesmo naturalmente elle escreve o *Remedio contra a usura* e os pares do reino pedem ao governo que, o recite as parochas para o usarem á hora da missa. Aqui está um bom reclamo para o novo livro *De meus amores*, livro de contos, delicados e sentidos, pedaços d'alma arrancados á inspiração do escriptor, scenas vividas spanhadas d'*apria nature* pelo fino espirito do observador. O dr. Trindade Coelho é no pequeno meio litterario da capital — uma individualidade.

# THEATROS



D. Amelia

Petronio

O autor, *do Regente e das Peraltas e Sestas* tinha obrigação de fazer uma obra melhor. Não era fácil — sabem, n'os quantos leram as paginas do *Quo Vadis* — mas não era impossível.

Porque não o fez? Evidentemente por que não quis. Não foi um effeito, diga-se em seu abono, de visão errada, de falsa comprehensão, de corteza de entendimento, de

indignações, d'aquelles terrores e espantos ao recordar o morticínio dos christãos.

Se um de nós, habituado a fazer o *Chiado* ou a *Árvinda*, tivesse de ver esse espectáculo de sangue e viesse de acorevel — depois, não teria, por certo, mais espantos, nem mais indignações, nem mais terrores!

Que necessidade teve o sr. Marcellino Mesquita, de obrigar o piedoso, o humilde apóstolo Pau-



lousa experiencia do *métier*. Que foi então? Que *mysterio psychologique* é este que não deixa adivinhar a razão exacta, incoactada, pela qual o dramaturgo justamente laureado fez decambiar no *Petronio* de D. Amelia essa obra prima de Sienkiewics que se chama o *Quo Vadis*?

Porque abandonou elle por completo todos esses vastos elementos do drama, de poesia, de ingenho, de emotividade, em que abundam tantas paginas d'esse livro maravilhoso?

Todas essas figuras primaciaes, tão integras, tão proporcionadas, tão altas, impecaveis, que figuram no romance como modelos de estatuaría antiga, porque foi que as deturpou no drama?

Se teve medo de chocar a aesthesia sentimental do publico de hoje, para que trouxe ao palco aquelles gladiadores das Portas de Santo Antão? Não seria de melhor tacto evitar esse incidente no festim escarico, para não ter de desvirtuar a figura canibalesca de Nero, que concede a vida aos dous athletas, n'uma magnanimidade de que elle nunca usou nas orgias do Palatino, e que só o sr. Mesquita seria capaz de pôr em exhibição ao palco de um theatro?

Para que apagou no decorrer dos actos aquella figura de aestheta, aquelle adorador Petronio, que alem de ser o mais fino cultor da arte, o mais brilhante espirito da Roma pagã, é ao mesmo tempo a alma do romance, o que tocou, para, alta, o umbilico e fio de toda a accção, a personagem sem a qual o romance deixaria de existir como o concebeu a alta phantasia do escriptor polaco?

O proprio sr. Mesquita comprehendendo que essa figura estava por de mais apagada em tantos actos, em tantas scenas, quasi reabilitada no ultimo, mas ahi foi maior a infelicidade, porque a demancho por completo. Ha brilho, ha enthusiasmo, ha vigor no trabalho de Brazão — e é esse que o publico applaude — mas todo esse esforço é deslocado, e é esse que o catheta Petronio, o *blond*, romano até a medulla proprio, por que o catheta Petronio, o *blond*, romano até a medulla dos ossos, habituado ás orgias e ás carnificinas, companheiro inseparavel de Nero em todas as extravagancias e em todas as ferocidades negligente, frio, tão fino de temperamento, que o proprio Nero lhe diz um dia: «És sincero quando me elogia, porque és tão preguiçoso que não serias capaz de um disfarce». [Petronio, enfim, não seria capaz d'aquellas



Augusto Pina  
O scenographo

Lygia, não ha uma impressão, um reflexo, qualquer raio de sol que nos mostre a sua origem moderna na sua origem secular, na sua infinita poesia!

De tantas bellezas do *Quo Vadis* uma só aproveitou com mão de mestre o actor do *Petronio*. É o beijo silencioso, eloquente, da escrava Eunice no busto de alabastro. É um poetico e bem achado final de acto, que o sr. Mesquita transportou habilmente do romance.

lo de Tarso a fazer de Telles Jordão e de Ferrabras, a vir imprudentemente ao palacio de Nero cuspir injurias na face de Cesar, que lh'as altura tempo infinito, e que por entre ellas lhe escuta a revelação de ter visto o Christo, coiza de que a historia não resa, e de que o proprio Paulo se deveria arrepender ao caminhar para o carcere, por ser a primeira vez que mentiu!

De resto, de um livro escripto para mostrar como brihou em toda a luz a surora do christianismo nascente, não se reflecte no drama uma só d'essas scintillações, não ha uma scena que mostre como a transformação começou a operar-se nos espiritos! E d'essas extraordinarias conversões, de Chilon, pelo perda de Glauco, de Vinicio, pelo amor de



Marcellino de Mesquita  
O actor da peça

O seu erro foi o ter pensado que a parte decorativa e espectacularia deveria ser a principal, quasi tudo. Enganou-se, e não tem por isso desculpa, porque o romance tinha accção que farte, drama, interesse, poesia, tudo o que deveria constituir um triumpho para o dramaturgo, se lhe prestasse um bocadinho de attenção e aproveitasse com cuidado esses preciosos elementos de arte.

A reconstituição da época, das scenas, dos requintes de luxo, da opulencia romana, era impraticavel em theatro portuguez. Por mais desejos e esforços da empreza, não pode deixar de ser uma copia pallida, inferior.

Melhor que o fez a empreza do D. Amelia não o faria a de nenhum outro theatro. A um bom scenographo como Pina, ao melhor *costumier*, Carlos Cohen, a um compositor laureado, Oscar da Silva, confiou tudo o que constitue a decoração de *Petronio*. Mas qualquer trabalho de reprodução seria suplantado pela poderosa descripção da civilização romana, tão conhecida pela obra de Suetonio, tão poderosamente descrita nos trabalhos de Momen e tão fielmente transplanteda para o *Quo Vadis*.



Scenário do 1.º quadro de *Petronio*

Brazão no *Petronio*, Augusto Rosa no *Nero*, João Rosa no apóstolo *Pavio*, Pinheiro no *Chilon*, Luis Pinto no *Vinício*, Augusto Antunes no *Tigellino*, Maria Falcão na escrava *Romão*, Angela na *Actéa*, e Maria Pia na *Poppéa* fazem quanto lhes é possível, porque dispõem de largos recursos, para que o *Petronio*, apesar de tantas deficiências, receba todas as noites applausos do publico do D. Amélia.

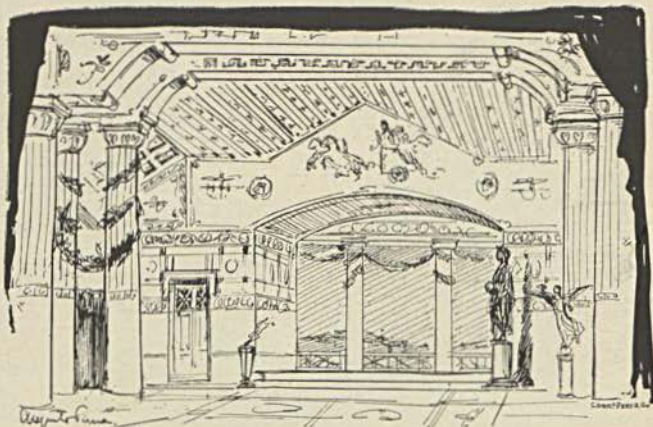
JAYME VICTOR.

## Gymnasio

Ama secca

Moura Cabral emprestou á comédia de Sylvano toda a graça original que constitue a sua individualidade no nosso meio litterario, e d'ahi o prazer com que se escutam essas tres actos, cheios de peripetias e de imprevistos, qual d'elles mais cheio e movimentado, e os tres a disputarem uns aos outros o meio de nos arrancarem gargalhadas durante os bem empregados minutos em que os escutam.

Telmo Larcher, um dos raros artistas do nosso theatro que progredie a olhos vistos, andou com fino tacto ao escolher a engraçada peça franceza para a noite da sua festa. Aquelle advogado, que, para se livrar de uma *entalação* amorosa, é obrigado pela força das circumstancias



Scenário do 2.º quadro



Scenário do 3.º quadro

a fazer de amaleseca, a trazer o *néed* nos braços, a embalal-o, a repellir a côrte dos homens, a envergar os trajos femininos, a fazer durante dois actos que é mulher, hão de confessar que n'aquelle desprezencioso genero theatral, é uma das *trouvilles* mais bem achadas!

E com que graça, com que *do-naire*, e ás vezes com que furia masculina encarna Telmo o seu papel! O publico paga-lhe em gargalhadas que não tem fim os momentos de franca e jovial despreocupação que elle lhe dá com o seu excellentes desempenho.

Secundam-no com um bom humor impagavel todos os outros artistas.

A moda faz de coisas serias futilidades, e de futilidades faz coisas serias.

A lei é a consciencia dos que a não tem.

G. Rivet.



Scenário do 4.º quadro

A caridade no pobre consiste em não odiar o rico.

A. DE TORQUEVILLE.

A historia nunca se repete, mas os homens assemelham-se sempre.

CAVOR

E' um mau systema engrandecer-se fazendo sentir aos outros como são pequenos.

Como a sombra sem a luz, não existiria o mal sem o bem.

ALFRED DE MUSSET.

E' tão perigoso convencer uma nação da sua decadencia para que ella se rehabilite, como convencer um doente da gravidade do seu estado para o curar.



# BRASII PORTUGAL

Composição e Impressão  
 Texto e capa: Companhia Nacional Editora  
 Largo do Conde Barão, 50  
 Páginas supplementares: Off. de Exped. Nunes & F.ª  
 Rua d' Assumpção, 16 e 24  
 Romance: Typographia Castanheto  
 Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores  
 Augusto de Castilho, Jago Victor, Lorjõ Tavares  
 Editor  
 Luiz Antonio Sanchez  
 Redacção e administração—Rua do Carmo, n.º 15, 1.ª  
 LISBOA  
 Esadereço telegraphico—BRATUGAL

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	Anno.....
Numero avulso.....	3/2000	5/600	7/800
	2800	2800	4800
		18500	6000
		3800	3400

## SUMMARYO

Política internacional — CONSILIERI PEDROSO.  
 Matadouro de Lisboa.  
 Os alforrocs — WENCLELAW DE MORAES.  
 Eduardo Gonçalves da Costa.  
 General Campos.  
 Historia do hotel «Vae com Deus» e da sua companhia — RAUL BRANDAO.  
 Dr. Abel de Andrade — ROCHA PEIVOTO.  
 Vinha — VERSOS DE JONAS DA SILVA.  
 Cartas a uma prima — MANUEL PENTEADO.  
 Mater dolorosa — THOMAZ COELHO.  
 Manuel Francisco da Costa.  
 Conselheiro Nogueira Soares.  
 Dr. Trindade Coelho.  
 Revista litteraria.  
 Theatros — PEIRONIO — JAYME VICTOR.

### Páginas supplementares

Os nossos correspondentes.  
 Lorjõ Tavares.  
 Capas para o «Brasil-Portugal».  
 As tres virgulas — THOMAZ RUIRO.  
 Bibliographia.  
 Turonochi — EGYDIO DE ALMEIDA.  
 O NOSSO JORNAL — (A quinzena noticias).  
 Cartas da Quinzena.  
 O Cego — Romance de PEREZ GALDÓS.  
 Anecdotes.

37 Illustrações

## OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

### No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—(Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodorico Pupo do Moraes e José Martins Pollo, Rua da Afundega, 4, sobrado).  
 PERNAMBUCO — Leopoldo da Silveira.  
 PARA—J. B. dos Santos & C.ª — (Livreria Classica)—Rua João Alfredo, 50.  
 MANAOS—A. Folhadella—Cassa Anderson & C.ª—Praça Tumandara.  
 MARANHÃO—Leonio J. de Medeiros & C.ª  
 CEARA—Alfies Torres & C.ª  
 BAHIA—José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães—Rua Direita do Palácio).  
 PELOTAS—Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana).  
 PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana).

NO RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana) Rua Marchal Floriano, 100.  
 Em Africa  
 MOÇAMBIQUE—J. J. Augusto Pinto de Carvalho.  
 MOSSAMEDES—Joaquim Teixeira de Assumpção.

QUELIMANE—Henrique Jorge de P. Naves.  
 BENGUELLA—Mathias & Tavares.  
 LOURENÇO MARQUES—D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorrain.  
 BOLAAMA (Quilim)—Cesar A. Gouveia da Silva Roman, Tesoureiro geral da Provincia.

### No Continente

PORTO—(Agente geral no Porto e no norte) Antonio Couto Fernandes, Rua da Almeida, 24, 1.ª.  
 EVORA—(Agente geral em Evora e no Sul) Luis Freire Correia, Director da fiscalizacao dos tabacos.  
 BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.  
 FONTE DE LIMA—Gama, Amaral & Com.ª.  
 OLIMBERIA—José Hilberto Arrobas, Anjo do Ivo, 1 e 2.ª.  
 CAST. ILLO BRANCO—Pedro Augusto Pessoa.  
 BLANES—Antonio Augusto Salgueiro.  
 ELVAS—José Antonio dos Santos Sobrinho.  
 COBACA—José Naveiro da Costa.  
 PORTALÉGUE—Domingos da Guerra Conde.  
 LEIRIA—Manuel Pereira Dias.  
 FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques da Oliveira.  
 VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.  
 COURCIB—José Pereira Cabral.  
 TAVIRA—José Maria dos Santos.  
 FARO—Maya & Trigueiro.

### No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 15.

## LORJÕ TAVARES

Por motivos independentes da sua vontade, não poudo partir para o Brasil, no dia 5 d'este mez, como annunciáramos, o nosso presado amigo e director d'esta Revista, sr. Lorjõ Tavares.

O infatigavel director do Brasil Portugal, que tem n'elle o mais activo e prestimoso auxiliar, s'è parte para o Pará e Mandos no Rio Amazonas, que se espera saia de Lisboa em 16 ou 17 d'este mez.

Como dissemos, Lorjõ Tavares dirige-se ao Pará e Mandos, de onde seguirá para o Rio de Janeiro, demorando-se em todas as partes da escola em trabalhos de propaganda da nossa Revista, que t'èo brilhante accitação tem tido nos Estados Unidos do Brasil.

A Lorjõ Tavares desejamos uma bella viagem e grande felicidade no exito do seu trabalho.

## CAPAS PARA O «BRASIL-PORTUGAL»

A empresa encarrega-se de fornecer aos srs. assignantes do Brasil-Portugal, capas elegantes e simples, para encadernação do 1.º e do 2.º anno da Revista, ao preço de 15000 réis cada capa.

Tambem se encarrega de encadernações de luxo a varias cores, por preços moderados.  
 Os pedidos podem ser dirigidos a esta administração ou as agencias do Brasil-Portugal.

## ANEDOTAS

Um pianista está dando um concerto e tocando uma peça muito massadora.

—O peor, diz um dos ouvintes, é que o pianista é surdo.

—E' surdo? Então façam-lhe signaes para lhe dizerem que já acabou.

Uma senhora, voltando a casa sem ser esperada, vae á cosinha e vê ali o namorado da cosinheira.

—O Maria, isto é de mais! Já a tenho prevenido de que não quero que receba o seu nomorado na cosinha.

—Oh! minha senhora, tambem lhe tenho dito isso a elle muitas vezes, mas elle tem vergonha d'ir para a sala...

N'um collegio:  
 O professor, que está leccionando grammatica, interroga um dos discipulos:  
 —N'esta oração, Pedro matou a Paulo, onde está o sujeito?

—Não sei, sr. professor.  
 —Sei eu! Sei eu! gritou outro discipulo.  
 —Sabê?! Pois então diga lá.  
 —Este! No Limosiro!

A mulher surprehende o marido a beijar a criada:

—Ah! tratante! Apanhei-te com a bocca na botija!

O marido protestando:  
 —O' menina! Botija, aquella rapariga tão galante!

Entre mulher e marido:  
 —Confessa, Luiz, que já me não amas. Quando nos casámos era outra cousa; então, sim, devoravas-me tu com beijos...

—E' verdade, lá isso é...  
 —E' porque não fazes agora o mesmo?  
 —E' porque... não posso já digerir-te; estás um pouco dura...

Procurerem os preciosos vinhos  
 de Adriano Ramos Pinto



# O CARTAZ DA QUINZENA



**S. Carlos.** — No dia 17 é o ultimo concerto com a Oratoria de Pecosí, *Restauração de Lázaro*. A época lyrica está a findar, devendo ainda cantarem-se a *Filha do Regimento*. — Na noite de 23 vai ali fazer a sua festa artistica a gentil actriz Palmyra Bastos, com uma unica representação de *Bonca*, e isto por ser impossível satisfazer no theatro onde está representando, todos os pedidos de camarotes e bilhetes.

**D. Maria.** — O *Turquo*, de Molière, cuja distribuição já demos no ultimo numero, será talvez a ultima peça da presente epocha, que finda em abril, porque a companhia tem autorisação do governo para ir representar, durante o mez de maio, ao Porto, seguindo depois em *tournee* por varios theatros da provincia.

**D. Amélia.** — Entrou em ensaios para a festa artistica do actor Augusto Rosa, o *Castello historico*, comedia em 3 actos, de Alexandre Bisson e Ren de Turique, cuja accção se passa no castello de Fontenelles. A distribuição é a seguinte:

Claudio Barrois ..... Augusto Rosa.  
Gastão Baudoin ..... Eduardo Brazão.

Colombin ..... João Rosa.  
O capitão Gabriac ..... Augusto Antunes.  
Luciano Colombin ..... Henrique Alves.  
O dr. Dufresnois ..... João Gil.  
Justino ..... Antonio Pinheiro.  
Antonio, soldado ..... Salles.  
Um sujeito edoso ..... Bayard.  
Um cyclista ..... Quaresma.  
Um visitante ..... Senna.  
Margarina Baudoin ..... Rosa Damasceno.  
Genoveva Colombin ..... Maria Falcão.  
Chimé ..... Jessina Saraiva.  
Marietta ..... Candida de Sousa.  
Luiza ..... Maria Ferreira.  
Uma senhora ..... Elvira Santos.

A versão é de Mello Barreto.

— Pensa-se em dar a celebre peça de Perce Galdós, *Electra*, traducção de Ramalho Ortigão.

**Trindade.** — Hontem fez reprise dos *Sinos de Cornelle*, e breve dará a magica *O bico de papagaio*, em que reaparece a actriz Amélia Loppicco.

**Gymnasio.** — Teve um successo de gargalhada a peça de A. Sylvane, traducida por Moura Cabral. *Uma secca*, que se reverterá no cartaz com os *Doidos com juço*.

**Avenida.** — Fôra uma ou outra recita extraordinaria, para festa de artistas da companhia, no *Tafelberg* se escrevem... conserva-se em scena todas as noites.

— Além d'esta, o repertorio que Sousa Bastos leva para o Rio de Janeiro, para onde partirá em maio, consta da magica *Perla de Satmar* e das operas-comicas e operetas e comedias *O Tido negro*, *Bonca*, *Peraltas e cecias*, *Perichole*, *Pompon*, *Casamento da Ninucha*, *Grã-Duqueza*, *Noivado de Mouchet*, *Barba Azul*, *Girofle-Girofla*, *Sinos de Cornelle*, *10 dias do capitão*, *Boccacio*, *Dona Juanita*, *Noite e Dia*,

*Solar dos Barrigas*, *28 dias de Clarinha*, *Gallo d'ouro*, *Bohemia*, *Noite de Venéza*, *Archiduqueza*, *Mosimenes*, *Luz XV*, *Testamento da velha e Africanistas*.

**Rua dos Condes.** — Com o *Nicles*... a engraçada revista do anno de Eduardo Schwalbach, annuncia-se para 30 d'este mez a festa do actor Valle.

— Entrou em ensaios uma operetta em tres actos, *Os nobres da Morgadilha*, com musica do maestro Tabora.

**Príncipe Real.** — A companhia d'este theatro, dirigida pelo sr. Luiz Ruas, parte no dia 20 para o Funchal, onde vai representar no theatro D. Maria Pia, levando o seguinte repertorio:

*Morgadilha de Valfôr*, *Dama das Camélias*, *A Tosca*, *Santo Antonio*, *Paralytico*, *As Duas Orphís*, *Segredo do padre*, *Vida d'um rapaz pobre*, *Niniche*, *Vida virada*, *A Bexigosa*, *Homens do mar*, *A Toga Vermelha*, *Inimigo do povo*, *A tomada da Bastilha*, *Causa celebre*, *A Rosa enfeitada*, *As duas irmãs*, *Os que trabalham*, *Maria da Fonte*, *Morgadilha de Valle Perairo*, *A Justiça*, *Maria Rosa*, *Domados de feras*, *A Rainha Santa Isabel*, *Os milhões do criminoso*, *Leney de Casiro*, *A Martyr*, *Kean*, *Magdalena e Cabo Simão*.

— Até lá, continúa a representar-se a *Rosa Enfeitada*.

— Emquanto a companhia se demorar no Funchal, o theatro será explorado pela companhia do actor Oliveira, que está agora representando no theatro Carlos Alberto, do Porto.

**Collysen dos Recreios.** — Em 6 de abril, deve debutar a companhia de operas lyricas, da qual farão parte algumas das figuras secundarias que estiveram em S. Carlos.

## Os credores externos

Depois da interpellação Guerin no senado francez e das respostas do ministro Delcassé, nada mais ha de official sobre o que se passa em França a respeito da questão dos nossos credores. Todos os jornaes inglezes se referem ás exigencias do governo francez considerando-as absurdas, visto Portugal ter cumprido pontualmente o regimen de 1893 e não poder accionar por ora outro que lhe sobrecarregue os encargos.

Na Camara dos Deputados o ex-ministro da Fazenda, conselheiro Espregueira, — durante cuja gerencia se realizaram as negociações com os credores, sendo a base das resoluções de hoje, — pediu varios documentos e entre elles copia de uma carta-reclamação que em 1893 havia sido dirigida pelo comitê franco ao governo. Ora succede que na occasião em que elle pedia essa copia no Parlamento, um jornal de Paris, *Le Soir*, alludia á tal carta, e d'ahi o ministro da Fazenda de 1893, que era o deputado Augusto Fuschini, tirou como corollario que a local do *Soir* parecia ter sido mandada de cá por quem conhecida até a data de um documento que elle nem se lembrava de ter recebido. E aproveitando a occasião, confirmou mais uma vez que o governo de 1893 promulgara uma lei regulando definitivamente o pagamento da divida externa, sem ter recebido reclamação alguma dos governos estrangeiros. O Presidente do Conselho levantando-se declarou ser isso exacto, pois era elle o chefe do ministerio d'essa epocha.

Entretanto as visões rapidas do ministro francez em Lisboa, Mr. Rouvier, fazem crer que o governo francez não desiste de dar seguimento á questão. Mas por ora nada ha de positivo.

## Demissão da Camara de Lisboa

O governo não acceteu a demissão dos vereadores de Lisboa; publicando, em resposta á representação que elles lhe dirigiram protestando contra a passagem dos serviços de beneficencia para o Estado, que essa transformação não implicou desconsideração para a Camara, mas apenas melhor regularisação de serviços com utilidade real na sua execução.

Os vereadores ainda não reuniram depois da publicação da portaria.

## Fomento agricola e industrial

Pelo ministro das Obras Publicas foram apresentadas á apreciação do Parlamento varias propostas, tendentes a desenvolver a agricultura e a industria nacionaes.

Pela primeira é o governo autorisado a promover a criação e o desenvolvimento de adegas sociaes, companhias vinicolas e estações de destillação, assim como a modificar as pautas de exportação e importação e o regimen do imposto sobre alambiques, devendo decretar os regulamentos e promulgar as medidas que forem necessarias para a execução da lei.

A segunda estabelece novo regimen para as concessões de caminhos de ferro.

Na terceira regulamenta e modifica a emphyteuse e a sub-emphyteuse.

A quarta reorganisa os serviços da secção municipal, no continente.

A quinta manda proceder ao recenseamento geral dos rios, no continente e ilhas, por períodos de dez annos.

Finalmente, a ultima manda abrir um inquerito estatístico sobre a situação e necessidades da industria do continente e situação dos operarios.

## Situação commercial

Tem havido abundancia da dinheiro e facil collocação de papel a 5%. O governo adquiriu papel sobre Londres para o pagamento do coupon de abril, e por isso o mercado de cambios animou um pouco. Estes regularam na média a 37 sobre Londres, 774 sobre Paris, 317 1/2 sobre Berlim e 950 sobre Madrid.

O cambio do Rio fendeu a firmar-se, conservando-se entre 11 e 11 1/2 %.

Na Bolsa fizeram-se grandes transações de inscricções, que de repente subiram a 37,95, ficando depois a 37,50.

As transações em generos coloniaes tem estado estacionarias.

## Congresso Colonial

A pedido de varias associações scientificas, commerciaes, industriaes e agricolas do paiz e das colonias, resolveu a Sociedade de Geographia adiar para 2 de dezembro o Congresso Colonial. Estão sendo já elaboradas varias monographias sobre assumptos relativos ás theses apresentadas á commissão organisadora. Em abril, começará na Sociedade uma série de conferencias sobre assumptos coloniaes.

## Casamento fidalgo

Casou o conde de S. Lourenço, filho dos condes de Sabugosa, com a sr.ª D. Bertha Munró dos Anjos, filha do digno par o sr. Polycarpo Anjos.

O noivo foi apresentado por S. M. a Rainha com uma abotadora de turquezas e brilhantes, e por El-Rei com um faqueiro de prata. Na *corbeille* da noiva viam-se riquissimas joias, verdadeiras preciosidades aristocraticas.







# GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

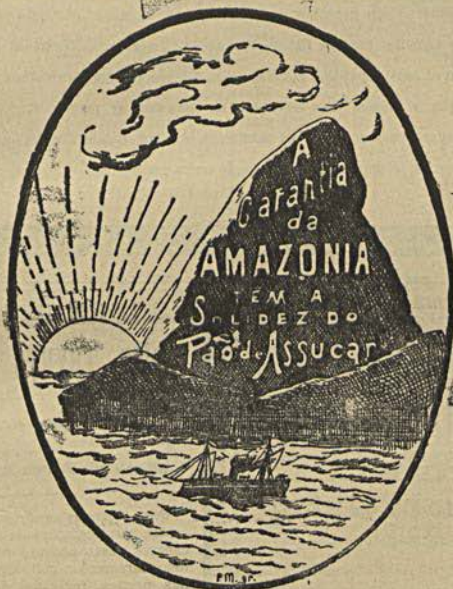
Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900

Propostas recebidas para seguro até esta data... 70.263:000\$000

Seguros realçados em vigor.....	50.297:000\$000	Reserva de re-seguro.....	2.601:265\$377
Novos seguros propostos em 1899.....	24.451:000\$000	Sobras-Garantia supplementar.....	491:232\$304
Seguros accetes em 1899.....	20.895:000\$000	Valor actual sobre o valor nominal de titulos e predios que possui.....	200:000\$000
Propostas para seguros recusadas em 1899.....	3.566:000\$000	Sinistros pagos até esta data.....	1.028:000\$000
Renda em 1899.....	3.428:644\$128		

CONCLUINDO O SEU PARECER, DISSE O CONSELHO FISCAL:

"Estes algarismos que definem perfeitamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correccção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encemio que aqui registrassemos.



E, referindo-se ao pagamento de sinistros, o Presidente chamou a attenção para o facto de que:

"Nenhuma reclamação dividamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço".

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

## ✧ GARANTIA DA AMAZONIA ✧

Faz mais negocio, tem mais seguros em vigor, tem os seus capitales mais bem empregados, possui maiores reservas e realisa maiores sobras annualmente do que qualquer companhia do mesmo genero.

Séde social

BELEM DO PARÁ-BRAZIL



FABRICA: Rua de S. Christovão N° 129  
 DEPOSITO & ESCRITORIO: Rua da Constituição, N° 3  
 TELEPHONE N° 185

trabalhos da sua especialidade, sob desenhos e medidas, com a maior perfeição, elegancia e solidez; encarregando-se tambem de remetter para os Estados as encomendas acondicionadas com todas as cautellas.

A fabrica, bem como os seus depositos, são francos ao publico a quem convidamos a visitar para julgar com acerto dos progressos que a mesma tem alcançado na industria de marcenaria; ficando d'este modo os srs. consumidores, pelo aperfeiçoamento que os artefactos revelam, habilitados a julgar com segurança e que melhor lhes convenha antes de se munirem de moveis de outra procedencia.

## Agencia Financial DE PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO  
 SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de jros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

### Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THEOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos conceellos do reino e ilhas adjacentes

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

## Salsa, Tayuyá e Mururé Beirão

*Soberano depurativo do sangue*

Approvada pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doencas originarias do sangue viciado, diferentes manifestações da syphilis, rheumatismo, gotta, cancos, escrophulas, tumores, boubas, ulceraes de mau caracter no collo do utero e garganta, inchação nas pernas, molestias da pelle, empigens, dattros, escoriações, granulações no rosto, vegetações e nevralgias, inflammações visceraes de olhos, ouvidos, nariz, garganta e intestinos, e nas doencas determinadas por saturação mercurial.

### A SALSA TAYUYÁ E MURURÉ

Demanda muito pouco resguardo e pôde ser usada sem que a pessoa interrompa suas occupações; apenas se deve evitar as comidas salgadas e gordurosas e o uso de bebidas alcoholicas.

DEPOSITO — Drogaria Beirão

DE  
**Carvalho Leite & C.**

103, RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 103

PARÁ



**Companhia Geral de Credito Predial Portuguez**

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

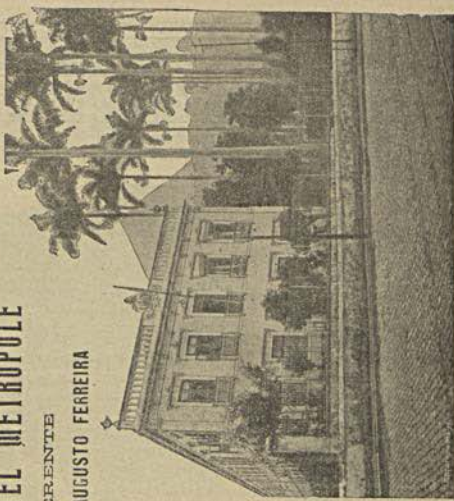
Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2, de 10 e 60 annos. Emprestimos em conta corrente: a juro de 5 1/2 e commissão de 1/2 1/2 de 1 a 9 annos. Depósitos: acceptam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 á ordem e 3 1/2 ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 1/2 ao anno. Propriedades: a Companhia tem as suas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LIXOIA — O US de Sua Magestade do Almirante Manoel bator grande sortimento de chapéus para sol ou chuva, em lã ou de quadriculada, assim como brigantes, requis, uniformes e artigos de novo fabrico. Para com a primeira em sua genero em servio haes e por todos districtos.

**GRANDE HOTEL METROPOLE**

GERENTE  
**CANDIDO AUGUSTO FERREIRA**



MAIOR da capital, construido de accordo com o clima do paiz e situado nas faldas do Corcovado.  
Possue todas as condições hygienicas e as mais confortaveis e salvas e apossenas por amillias e cavalheiros.

181, Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO



**VINHOS VELHOS LEGITIMOS DO PORTO**

Premiados nas exposições de Londres, 1862; Boston, 1863 e Paris 1867 e 1875

ANTIGA CASA

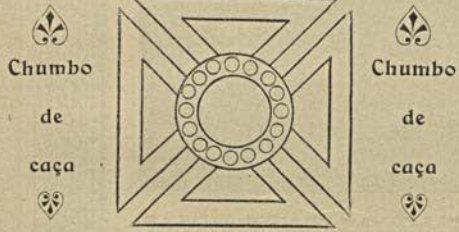
**PORTO** João Eduardo dos Santos  
REGISTRADA FUNDADA EM 1846

MARCA DE COMMERCO Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, roilhas, caixas ou cacos, a marca de commercio registrada de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM  
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

**Fabrica S. Gonçalo**

**E. DE ANDRADE & C.ª**



**QUALIDADE SUPERIOR**

**Dureza Perfeição Igualdade**

O MELHOR QUE EXISTE NO MERCADO  
Vendas por grosso e a varejo

Pedidos: CAIXA POSTAL 735 Ender. telegr. SATURNO — RIO

**18, R. de S. Pedro, 18**  
**RIO DE JANEIRO**

Levanta moderna **PEREIRA & SILVA**  
PARA — R. Cons.º João Alfredo, 33  
Livraria americana

Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc  
**PREVENÇÃO DE ESCRITÓRIO**  
Preços sem competencia  
Endereço telegraphico Moderna

**LA CAJON Y EL PENIS ESPAÑOL**  
Capital social 9.000.000.000 rs.  
15.000.000.000 REIS  
De emissão pagos desde 1864 até 1898  
PREMIOS E RESERVAS 4.923.928.000  
Seguros contra incendio, explosão de gas ou fahos

Equiper Alambique & Union Maritime  
Companhias francezas contra os fahos maritimos que a juro de transporte de qualquer maritimo.  
DIRECCION — Lima Mayor & Páez  
1-1890-4 — Rua da Franca, 50, 2.ª

**AGENCIA CENTRAL DE JOSÉ LOPES PEREIRA**

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, titulos das dividas publicas, gerios e do E. tido, terrenos, accções de Bancos e Companhias, Cambiase, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas comme cicas, particulares e em sua agencia

á Rua 13 de Maio, 71. PARÁ  
(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)  
Telephone n.º 346

**CESAR A. PAIVA**  
CIRURGIAO DENTISTA  
SUAS MAGESTADES E ALTEZAS CONSULTORIO  
R. do Arsenal, 100, 1.ª LISBOA

**HOTEL DURAND**  
English Hotel — Lisboa  
1, Rua das Flores — Largo do Quintella  
Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

**CANDIGIROS**  
Em todos os generos  
Ganalisções para agua e gaz

Tubos de chumbo, borracha, lona, latão e ferro. Louça de ferro esmaltado. Retretes de varios systems Objectos proprios para brindes

**Casa José d'Oliveira**  
21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24  
LISBOA  
252525252525+252525252525

Casa Fundada em 1886

**JOSÉ MENDES LEITE & C.**

DEPOSITO DE INSTRUMENTOS DE MUSICA

18, Rua 15 de Novembro, 18

SEU PRINCIPAL ATRIBUTO: INSTRUMENTOS DE MUSICA



**Instrumentos de Musica**  
na  
Accessorios para os mesmos  
NO GENERO

**UNICA CASA DE CONFIANÇA**  
Especialidade  
em cordas para violão,  
rabecas e violas

Endereço telegraphico  
«Mendes»  
Cassa no curvas  
N.º 486



Registrada por despacho da  
Junta Commercial de 6  
de Maio de 1897 sob o  
n.º 10.



Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarrega-se de quaesquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

**José Mendes Leite & C.**

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARA



# ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa com grande desconto

→ Sempre as ultimas novidades ←

RUA DO ALECRIM, 111, 1.º

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

## Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C.º — Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 823

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em fotografuras. Os preços mais baratos do natz. em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

## COMPANHIA

# PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

DIRECTORIA { Dr. Manoel Gomes Matta  
Joaquim Dias Fernandes  
Luiz Duprat

SÉDE: RECIFE — RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

## H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DOCAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

JOÃO BASTOS & C.ª  
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES  
LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.º

PROVAE OS DELICIOSOS  
VINHOS DO PORTO

DE

Constançapino Almeida



Castro Matta & Irmão

GASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites  
Portuguezes

ENDER. TELEGR. — ALDA

C. do Corral 212

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ

# ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILUSTRADA

Atta-se publicado o 1.º volume. Preço em todo o Brasil (moeda brasileira) broch. 225000 réis, enc. 400000 réis. Assignatura permanente. — Publicação de uma enciclopedia mensal ao preço de 2000 réis franceza de porta.

EDITORES: **LEMOS & C.º** successores  
Largo de S. Domingos, 435. — PORTO  
AGENTES NO RIO DE JANEIRO

**A. Mascarenhas & C.º** — Rua da Quitanda, 38

Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amorim

CAPITAL DO ESTADO DE COYAZ

DICIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direção de MAXIMIANO LEMOS

Leito da Escola Medico-Cirurgica do Porto

Com a collaboração efectiva de dr. Adriano Anthero de Sousa Pinao, Alberto de Agular, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Ferreira da Silva, D. Antonio Barroso, A. A. Costa Pereira, Bento Carqueja, José, Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, E. Lázaro Sequeira, Ernesto Maia, Firmino Pereira, Francisco Antonio Pinto, cont. Francisco da Paula Cid, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Pillito, dr. João Paiva, Joaquim A. Câmbezes, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luiz Viegas, M. d'Olveira Ramos, Nuno Querido, Paulo Marcelino Das Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simas Machado, Theophilo Braga, Valentin de Magalhães, com Wenceslao de Lima.

## V.ª WENCESLAU GUIMARAES & C.ª

Commissões e Consignações

IMPORTADORE DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslao Rio

Caixa do correio

N.º 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO

### VINHOS DO PORTO

Marca registrada

Santos J.ºs

Porto



Casa fundada

em 1872

Premiada  
com os primeiros  
premios em todas  
as exposições.

*A. Pinto Santos Junior & Comp.ª*

COMPAGNIE  
des Messageries Maritimes  
Paquebots post français  
LIGNE TRANSATLANTIQUE



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.

Para passageiros do 2.º classe trata-se com José Antonio dos Santos & C.ª, Praça dos Beneficentes.

Para carga, passageiros e todas as informações, trata-se na Agência da Companhia, Rua Azevedo, 33.

Pela Companhia des Messageries Maritimes

des Terres.

## HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispondo de 80 quartos independentes, com janellas muito confortaveis e hygienicas.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 réis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a instalar-se no

## HOTEL BRAGANÇA

Endereço telegraphico MAREIRO

## PERNAMBUCO PENSÃO DERBY

Hotel installado com todo o conforto moderno n'um dos pontos mais pittorescos e saudaveis de Pernambuco.

60 salas e quartos, Salão de visitas e de leitura. Banhos em todos os andares. Luz electrica. Cozinha superior e vinhos escolhidos. Grande salão de bilhares. Jogo da bola. Botes para passeio, etc., etc.

PREÇOS MODICOS

GERENTE — ISAAC ALVAREZ Y RODRIGUEZ

Endereço telegraphico DERBY Caixa do correio n.º 101, O Bnd do Derby 71122 perto da Pensão

